

B. N. L.

18884

H.-G.

BAZILIO TELLES

ACQUAVIVA

1917

LIVRARIA CIVILIZAÇÃO — Editora

75, RUA das OLIVEIRAS, 77

— PORTO —

2.8
18884

BAZILIO TELLES

66

ACQUAVIVA



62939



1917

LIVRARIA CIVILIZAÇÃO — Editora

75, RUA das OLIVEIRAS, 77

—
PORTO

A SEGUIR:

- O Congresso das nações.
- O imperialismo germânico.
- Campanha e questão do Oriente.
- A belligerância portugueza.



Composição e impressão
IMPRESA CIVILIZAÇÃO
54, Trav. de Cedofeita, 56
Pôrto. _____

A NOTA DO PRESIDENTE WILSON

(DE 18, DEZEMBRO, 1916)



primeira notícia d'ella recebemol-a por telegramma da Havas, de Madrid 21 dezembro, em que se accrescentava ter sido egualmente remettida aos belligerantes e aos neutros. O seu objecto tornou-se nos indirectamente conhecido pelas apreciações que a seu respeito bordava a imprensa ingleza, e que a mesma agência resumia em telegramma de Londres, do dia immediato. Foi preciso esperar até 27 d'esse mez para a lermos na íntegra, e simultaneamente n'um resumo da Havas, no *Diário de Notícias*. Para a lermos, relermos, e digerirmos com o máximo socego e difficuldade: apressemo-nos a illucidar para sermos franco.

De todos os documentos officiaes que esta nada invejavel profissão de publicista nos tem obrigado a percorrer linha a linha, sopezando-lhes o melhor que nos é possivel as palavras e o sentido, nenhum nos impoz tão porfiados esforços, e nos levou a retomar tantas vezes o exame, interrompido por incidentes e tal qual fadiga que a sua leitura nos provocava. Mesmo com o auxilio do resumo da Havas, não lhe conseguimos desde logo perceber a oportunidade, o significado justo, e sobretudo o objectivo essencial.

Não lhe foram favoraveis—digamos sinceramente— as nossas primeiras impressões.

Chocou-nos, d'entrada, a circumstância, para nós

bastante insólita, de não ser o sr. Wilson, mas o embaixador norte-americano em Paris (o texto que estávamos lendo reconhecia esta procedência, segundo a nota explicativa adjunta, com que o nosso jornal de Lisboa a fazia acompanhar, ao que supponho), quem fallava. Em nome do Presidente, verdade seja; era, no entanto, elle quem se dirigia ao Governo junto do qual estava acreditado, conforme é uso dizer-se no vocabulário que a diplomacia consagrou. «O presidente dos Estados Unidos encarregou-me—assim abre a peça diplomática a que estamos alludindo—de suggerir ao governo francez um plano de acção referente á presente guerra.» O Presidente não era, pois, quem expunha directamente, a esse ou a qualquer outro Governo, o plano; incumbia o respectivo ministro da República norte-americana de o expôr. O theor d'elle por certo que tinha de ser uniforme para todos os Governos, e por consequência redigido antecipadamente em Washington pelo secretário dos negócios Extrangeiros, ou talvez por outro funcçionario de cathegoria, e antecipadamente fixado n'um modelo sob as vistas e as indicações do Presidente, senão mesmo sobre minuta provavel redigida pelo seu punho, a fazer copiar e transmittir aos Gabinetes de todos os paizes, belligerantes e neutros como no primeiro telegramma da Havas se dizia, e se pôde verificar dias depois pelo testemunho, por ex., da nota hespanhola que respondia á precedente. Os ministros *yankees* nas diversas capitaes não o poderiam alterar, a seu bello prazer, no sentido, na ordem expositiva, nem nos termos. Precisamente como fôra redigido em Washington, assim o haviam d'entregar aos Gabinetes destinatários. Fosse quem fosse o redactor, era seguro que o presidente dos Estados-Unidos não lhes fallava directamente, segundo se nos affigurou que o exigiam a consideração devida ás outras Potências e a excepcional importância do assumpto.

Não era infundada, como se poderia colligir da nossa ignorância dos costumes correntes nas relações entre os Estados, a nossa estranheza da forma adoptada na communição official d'aquelle chefe da grande República da América. Quando em junho findo, a 10 ou 11, se dirigiu ao Governo russo a propósito da chegada a Petrogrado da missão norte-americana, muito differente foi a forma que adoptou para melhor lhe dar a conhecer os seus pontos de vista pessoaes sobre a fórmula moscovita de paz, discutida acaloradamente em toda a imprensa e em todos os círculos políticos. E' consultar os jornaes do dia 12, em qu'essa outra peça diplomática, género litterário em que o sr. Wilson parece comprazer-se, e se mostra, no emtanto, de rara fecundidade, vem transcripta na íntegra pela operosa e sempre fiel arauta dos Governos alliados, isto é, pela agência Havas. Não se disserta ahi na terceira pessoa, como na de 18 de dezembro, nê se dá o encargo a ministro acreditado, ou a quem quer que seja, de servir de transmissor. Sahe-se espiritualmente da capital americana, e conversa-se de viva voz com o sr. Lvoff, o sr. Kerensky, e restantes cavalheiros que véem governando o antigo império russo. Note-se ainda que o thema do collóquio *yankee*-moscovita é exactamente o mesmo do recado diplomático de 18 de dezembro. Repare-se mais em que o Governo assim honrado pela visita espiritual do chefe do poderoso paiz d'além Atlântico não é mais que provisório; se era um Governo de facto, estava longe de o ser por'ora de direito; dominador, quasi omnipotente hoje, podia muito bem amanhã ser apenas leva de prisioneiros a transportar tristemente para o exílio nas solidões remotas da Sibéria. A recommendal-o á deferência do primeiro cidadão da América ingleza não havia senão o seu prestígio revolucionário e a grandeza material da nação a que presidia desde março.

E entre as nações a quem s'enderaçava só indi-

rectamente a mensagem—não sabemos se o termo é apropriado—de 18 de dezembro, quaes vemos nós sobresahirem? Inglaterra, França, Itália, n'um dos grupos belligerantes; no outro, Allemanha e Áustria-Hungria. Vêmos destacarem-se, e não sómente pela extensão do território, o desinvolvimento das indústrias, o poder militar, naval e financeiro, etc.; mas pela cultura, a civilização eminente e original, as tradições múltiplas omnímodas, e umas poucas de vezes, seculares. Este genuino, este verdadeiro escol em que todos os principais valores humanos se resumem, e d'entre o qual nem um só membro poderia ser eliminado, ou sequer diminuído, sem que o resto dos povos, incluindo aquelle «plebeu do mundo» de quem se occupa Schopenhauer (nos *Paralipómenos*, se bem nos lembra), lhe sentisse largo tempo a declinação ou a ruina—esse authenticocol escol não merece da grandeza quasi olympica do presidente transatlântico senão o que, na carência de palavra que melhor nos traduza o pensamento, acima qualificamos de recado diplomático. As honras d'uma visita em pessoa, d'uma conversação directa e amigavel, d'um *tête-à-tête* a resumar ternura e sympathia, julgou dever reserval-as para essa immensa Rússia, mal desembarçada por enquanto d'um regimen semi-bárbaro, e ella própria ainda immersa na semibarbaria originada pela incultura e o despotismo, e absolutamente incapaz—quem poderia dizer por quanto tempo? de comprehender, nem mesmo n'uma intuição fugaz e de superficie, a civilização da Europa occidental. Para essa nação, que tem sido e ha de ser por muitos annos um mystério no futuro dos povos europeus, a galantaria d'uma audiência, annunciada por um cartão do amavel visitante, queremos dizer, por uma missão yankee revestida de pompa e constituída por numeroso pessoal; para as que representam os supremos valores da Europa e do Mundo, mil vezes postos á prova e ainda

hoje indefectíveis, a seccura d'um recado, que um simples diplomata de carreira, investido nas funcções correntes do seu cargo, basta para fazer chegar ao seu destino.

Este modo de correspondência official tinhamol-o só por admittido, entre nós como lá fóra, nas relações habituaes entre ministros d'Estado e o pessoal burocrático sob a sua dependência. «S. Ex.^a o snr. ministro X encarrega-me de levar ao conhecimento d'esse governo civil, para as fazer constar e observar aos funcionarios administrativos subalternos, as seguintes instrucções» etc.: esta prosa esteriotypada, rescendente a ranço e a rotina, temol-a nós lido com frequência nos jornaes, a propósito da execução de qualquer lei ou regulamento a esbarrar-se com óbices e reclamações que se não soube ou pôde prevenir. A essa espécie commum entre as vulgaríssimas e indigestas empadas que obstuem o *Diario do Governo* dá-sc o nome, cremos nós, de «circulares». São recados escriptos que o titular da pasta faz indirectamente transmittir, por um superior hierárchico, director geral, chefe de gabinete, e análogos, ao pessoal subalterno que se installa nos innúmeros degraus d'esta nova «escada de Jacob». Os usos dispensam o ministro de comunicação immediata com o seu functionalismo inferior. Redige, ou manda redigir a minuta do escripto, e manda-o seguir tal qual pelo funcionario a quem esse cuidado pertence, e que é o único a assignal-o, senão laboramos em erro. Não o dispensam porém, julgamos nós, impõem-lhe ao contrário a obrigação de prescindir d'intermediário, seja qual fôr a cathgoria d'este na escala do functionalismo, sempre que tenha de se dirigir a um poder independente do Estado, câmara legislativa, presidente de República, etc., e por mais fortes motivos, a Governos estrangeiros. Se estivermos em equívoco, queiram ter comnosco, e os nossos leitores por egual alheios a trá-

mites protocolares, a bondade de o desfazer os qu'entre nós têm auctoridade para servirem de guias n'esses meandros obscuros.

Indispoz-nos, seguidamente, o desalinho que nos pareceu caracterisar d'alto a baixo, por toda a longa columna em que s'estirava no *Diario de Noticias* (de 27, dezembro, como se disse), a circular do snr. Wilson. Lemos e relemos, com a attenção o mais desperta e concentrada de que somos susceptivel; e pouco ou nada conseguimos apurar de verdadeiramente essencial e nítido no pensamento do seu illustre signatário. Obscuro e confuso, pleonástico e prolixo, coleante e descoordenado, contradictório ou incongruente de quando em quando: tal a impressão geral que nos ficou da sua leitura repetida, e effectuada com algum escrúpulo, voltamos uma vez ainda a recordar. O auctor vê-se que maneja a penna com mais facúndia que perícia; revela mais aptidão para amplificar do que para resumir o pensamento, maior tendência a divagar do que a manter-se estrictamente dentro do âmbito do assumpto, mais predilecção, e talvez facilidade natural, por e em s'espriar no incidente do que por e em traduzir com laconismo a sua ideia fundamental. Calculamos que seja mais habil orador do que se nos exhibe como redactor político n'aquelle e outros diplomas que vem lançando á curiosidade inquieta do público.

Soubemos, na occasião em que foi reeleito presidente, que regia não nos occorre n'este instante qual cadeira n'uma das excellentes Universidades em que o seu paiz abunda. Estivemos para ir avivar a memória n'esse pormenor já esquecido. Reflectindo um pouco, desistimos da investigação desnecessária. A regência d'uma cadeira universitária não abona sempre, nem bastante, dotes intellectuaes correspondentes; pelo menos em Portugal, e com certeza n'outros paizes d'onde a onde, é esse um caso que está muito longe

de ser raro. Professor de mathematicas, ou de qualquer das sciências em que as mathematicas intervêm, suppozemos que não seria, pelo menos tal como o representamos no espirito. Para homem de sciência faltam-lhe requisitos que reputamos imprescindiveis, para não dizer elementares,—nomeadamente, precisão no raciocínio e nas ideias, método e absoluta clareza na sua concatenação e exposição. O insigne magistrado da opulenta República não se desenvencilha das fórmulas vagas, indecisas, e até ambíguas uma vez ou outra, nem se liberta das tortuosidades discursivas. Fôlego para compridas caminhadas sobeja-lhe; é o instinto do rumo, da orientação como vulgarmente se designa, que se mostra deficiente. Claro que nos estamos referindo ao rumo ideológico e lógico, á exigência visceral em todo o cérebro scientifico de hierarchisar as ideias e os factos, e de os seriar na exposição oral ou escripta sem falha alguma, e sem qualquer digressão que não seja indispensavel, e não reconduza de prompto o auditor ou leitor ao trilho, desimpedido e aberto, momentaneamente abandonado.

O período com que abre a circular diplomática de 18 de dezembro—para exemplificarmos esta crítica ligeira—annuncia uma exposição clara, curta e rectilínea. Contém, ou parece conter, o enunciado, em breve e nítida sùmmula, do theor do documento. Dá-nos a impressão d'um theorema, nos livros de sciências exactas, a cuja demonstração se vai proceder; ou, visto tractar-se de complexas questões politico-sociaes, d'uma proposição synthética, posta na soleira do escripto como fio conductor, de que se passa a desinvolver os aspectos capitaes, ou seja as ideias componentes. Tracta-se d'um «plano de acção» relativo á guerra: phonographa o ministro americano em Paris em nome do seu chefe diplomático e político. Nada mais límpido e lacónico. Espera-se pois que as partes, elementos, tópicos, cons-

tituintes d'esse plano principiem a desdobrar-se com a mesma crystalinidade e concisão. Prosêgue-se porém na leitura, e que vemos nós? Quebrar-se logo a sequência do discurso com excursões, ou escusadas ou a que meia dúzia de palavras bastariam, e que de resto não se chega bem a interpretar, talvez — acreditamos — porque a traducção proveio de creatura inexperiente ou distrahida. É preciso saltar uns períodos para se re-achar o fio que se nos escapou das mãos subitamente. O que havíamos supposto uma linha recta, é uma linha ondulosa e irregular, suggerindo-nos á memória aquellas curvas, com subidas e descidas alternantes, que nos dão graphicamente a marcha de certos phenómenos naturaes.

Não crêmos, tampouco, que professasse a Botânica, a Zoologia, ou qualquer sciência descriptiva, como essas. A classificação dos seres ou phenómenos que lhes constituem objecto d'estudo, é de rigor em todas ellas; em todas é exigência básica a discriminação es-
crupulosa dos grupos de phenómenos ou de seres a dispôr eschematicamente n'aquelles amplos quadros de conjuncto. A elaboração completa das noções correlativas a esses agrupamentos naturaes, precisando-se-lhes com justeza o contheúdo pela determinação em cada uma da somma d'elementos communs e differenciaes que a tornam uma espécie mental inconfundivel, e que em linguagem técnica se chamam caracteres denotativos e caracteres connotativos, sabe o mais novel estudante dos nossos estabelecimentos d'ensino superior que é condição primária n'aquella cathegoria de sciências. Tão rigorosa e clara carece de ser cada uma d'essas noções que lhe servem de material e alicerce, como claras e rigorosas têm de ser a sua coordenação e disposição hierarchisada. Impossivel raciocinar com fructo, e ainda menos theorisar n'esse domfnio com alguma probabilidade de não se substituir a realidades objectivas illusões su-

bjectivas, a ideias positivas authênticas simples devaneios da phantasia, se a intelligência indagadora se não familiarisou, pelo exercício e graças a dotes pessoas originários, com os métodos que lhe quadram, e a complexidade especial dos phenómenos que o tornaram independente dos outros domínios sujeitos á observação e á experiência systemáticas.

Pelo raciocinar hesitante e confuso, inconsistente e dogmático, que julgamos surprehender nas producções diplomático-litterárias do muito digno presidente da República transatlantina, convencemo-nos de que não era a história natural, em sentido genérico ou restrictivo, a cadeira em que se notabilisara na Universidade d'onde sahira para o desempenho do seu cargo. De qual outra seria então professor o sr. Wilson?

Por exclusão de partes, conjecturamos convir melhor á modalidade especial do seu espírito o Direito ou a *Metaphysica*. Para divagar interminavelmente, sem factos que assegurem o ponto de partida e sem verificação ou contraprova que justifiquem o ponto de chegada, não ha como essas pretendidas sciências, ás quaes a economia pública poderia igualmente associar-se. Passaremos em silêncio a política e a moral, para não se lembrar alguém de nos accusar de excessivamente pessimista, e sobretudo, de nos virmos entretendo, em caso tão sério, com insípidos paradoxos.

Em todos os campos do labor intellectual e notória a tendência a simplificar o que é na realidade complexo, e vice-versa a complicar o que é simples. Na *Physica*, por ex., esse duplo movimento integrador e desintegrador ideativo foi sobria e luminosamente posto em relevo pelo eminente sábio francez, ha pouco fallecido, Henri Poincaré; e podia facilmente exemplificar-se em qualquer das sciências, constituída em corpo doutrinal na sua phase deductiva, que se referem ao mundo inorgânico, e mais raramente ao organizado. Mas essas

complicações e simplificações nem têm nada d'arbitrárias: são impostas ao mesmo tempo pela análise exhaustiva do contheudo lógico das ideias e pela observação dos factos correspondentes levada até ao seu último limite; e reclamam sempre, em todo o caso, a comprovação contínua do ajustamento mútuo das ideias e dos factos sobre os quaes esse movimento integrador ou desintegrador s'effectuou.

Nas pseudo-ciências a que nos estamos referindo, attinge aquella tendência porém proporções inverosímeis: é questão só de folhear um d'esses indigestos volumes em que os problemas jurídicos e philosophicos são doutralmente discutidos, e *ex-cathedra* recebem solução definitiva. Para tornar aparentemente singelo e claro o que a mais breve observação, desde que a faça um verdadeiro homem de ciência, mostra ser complicado e obscuro; e ao contrário, para complicar e obscurecer o que ha de mais simples e claro, nenhuma como qualquer das irmãs gémeas, o Direito e a *Metaphysica*. É um discorrer interminavel sobre concepções imaginativas, suppostas candidamente racionais, em que a lógica degenera n'uma logomachia inintelligivel, e os factos melhor estabelecidos soffrem tractos de polé. Não se prova nem se demonstra; affirma-se ou nega-se *à priori*, tortura-se por igual a realidade e a racionalidade, sem outra preocupação nem outro objectivo que não sejam exhibir agilidade espirital, e trazer a uma certa causa o leitor ou o auditório. Intenda-se que se nos deparam aqui, como nos ramos do nosso pobre saber que lhes são equiparáveis, a economia, a politica e a moral, as excepções que restringem habitualmente a generalidade d'uma regra. Ha cultores da *Metaphysica* e do Direito que s'esforçam por amoldar o pensamento ás exigências scientificas do exame, e de bom grado reconhecem o incerto e o precário dos resultados a que chegam, e das afirmações que têm de produ-

zir. Em geral, caracterizam-se por aquelles traços que acima se registou: óccos, dogmáticos, insensíveis á experiência e ao método, e cerzidores de phrases impressivas com que tapam o vazio subjacente das ideias.

Apraz-nos crêr que o snr. Wilson, se lhe coube com effeito a má sorte de professar o Direito ou a *Meta-physica*, constitua uma excepção entre os collegas; e constitue certamente entre muitos que se conhece n'esta orla oriental do Atlântico. Valha-nos esta distincção consoladora. Não consideraremos de todo perdido o nosso tempo desfiando a ideologia exuberante que recheia os documentos, desde a inesperada circular diplomática de 18 de dezembro, em que vem apostolando o pacifismo e os seus ideaes de desinvolvimento jurídico da espécie.

Mas o que nos cumpre tambem confessar com egual franqueza é que não se nos tornou muito rápida nem cómoda a destrinça; e que o desalinho do primeiro dos seus escriptos endereçados ao Mundo do alto da sua tribuna presidencial, nos indispoz um tanto contra o seu subscriptor, conforme vínhamos dizendo.

Como o receberiam os Gabinetes a que tinha de ser communicado? Tal a pergunta que nos fazíamos logo seguidamente á notícia da Havas, inserta nos jornaes de 22, antes portanto de inteirado, por esse e outros correspondentes do periodismo nacional, da sua forma e do seu preciso objecto. Este objecto, d'um modo geral, era a paz, como era facil deduzir d'um telegramma do correspondente particular do jornal portuguez, expedido do Rio de Janeiro na mesma data. Era contudo já conhecida a nota allemã de 12 de dezembro, em que se tractava egualmente do assumpto. Parecia, por conseguinte, haver na iniciativa americana superfetação inutil, ou reforço impertinente, quando não conluio, expresso ou tácito, incompativel com a neutralidade até ahi mantida pelo paiz interventor. Não

esperamos senão tres ou quatro dias para termos uma resposta; não official por emquanto, mas bastante explicita para conjecturarmos o que deveria acontecer.

Reeditando o processo adoptado no nosso precedente opúsculo, resumiremos por ordem chronológica, e por nações directamente visadas no imprevisito diploma da chancelaria de Washington, as impressões produzidas por elle na imprensa e nos círculos politicos.

«Inadmissivel — contrapunha a imprensa ingleza, «mais penalizada que indignada», segundo nos esclarecia a Havas, em telegramma de Londres, de 22 — que se não faça differença entre alliados e potencias centraes. Impossivel entrar em negociações de paz emquanto a «Allemanha não reconhecer que foi aggressora», e «não evacuar os territórios invadidos». Os alliados «devem repellir a intervenção americana» como Lincoln repelliu a ingleza na guerra de Secesão (1). Inaceitavel que os Estados Unidos «queiram impedir os alliados de assegurar, por meio de canhões, o triumpho da liberdade e da justiça», e se limitem a «defender os direitos da Humanidade com a máquina d'escrever».

A Havas dera a nota justa: bastante resentimento e outro tanto d'ironia. A recepção da nota *yankee* ia-se annunciando por'ora tal como a tínhamos previsto.

Na imprensa franceza predomina o mesmo tom, ao que se lia nos extractos remettidos por telegramma de Paris, a 23:

«O alcance moral da nota é consideravel» — con-

(1) Ou *separatista*, entre os estados do Sul partidários da escravatura, e os do Norte, partidários da sua abolição. Os primeiros chamavam-se Confederados; os segundos, Federaes. Durou perto de cinco annos, de 1860 a 1865, essa guerra formidavel, tão apaixonadamente discutida entre nós quando éramos creança.

cordava-se unanimemente. Mas qualquer que tenha sido a necessidade de Wilson em tractar os grupos belligerantes no mesmo pé, «a *Entente* verá com magua um documento em que são equiparados os carrascos e os defensores da Bélgica». A nota surge n'um momento em que «a Allemanha tem interesse em deter ou moderar as hostilidades, o que é uma coincidência lastimavel».

Especificando opiniões, o telegramma proseguia:

O *Gaulois* escreve que Wilson receia a intensificação da guerra submarina e uma crise interior nos Estados-Unidos; mas que seria offendel-o, suppondo que attribue aos alliados, no mesmo pé que ás potencias centraes, as responsabilidades nos estorvos e prejuízos que os Estados Unidos venham a soffrer durante a guerra». Aconselha cortezia e firmeza na resposta.

O *Petit Journal*, em artigo de M. Pichon, insurge-se contra a assimilação «chocante» que a nota faz entre os «provocadores da guerra e os que a têm supportado», e o esquecimento da «violação da neutralidade belga, e da guerra submarina». Segue-se um período que devia ser interessante, mas cujo sentido exacto não é possível apurar da traducção portugueza.

O *Homme enchaîné*, de M. Clémenceau, desfere vibração análoga ao do órgão que precede.

A *Libre Parole* diz «nada haver a accrescentar aos discursos dos ministros da *Entente*. A França é unanime em não querer discutir a paz emquanto o inimigo lh'estiver violando o território».

O *Figaro* considera que toda a opinião franceza «repellirá as cobardês illusões de paz, construídas no meio da confusão diplomática de que a Allemanha tem os cordelinhos».

O *Rappel*, emfim, escreve: «Ser-nos-ha agradavel vêr Wilson apresentar-nos o ramo d'oliveira, mas não

a sombra d'um ramo em que umas simples tréguas mal se dissimulam».

Deprehende-se facilmente dos extractos, reproduzidos n'estas páginas em resumo, que as opiniões em França eram muito pouco discordantes entre si, e das que a imprensa ingleza emittira anteriormente ou ao mesmo tempo, sem que, portanto, houvesse entre os órgãos jornalísticos d'aquém e d'além da Mancha accordo prévio, nem obediência commum, por certo, a um «santo e senha» insinuado pelas espheras superiores governativas.

Vamos vêr que, n'esta primeira symphonia atacada pela imprensa da *Entente* a propósito do escripto do presidente norte-americano, o unísono mantem-se do outro lado dos Alpes, salvo talvez um pouco mais de vigor na arcada impressa aos violinos, provavelmente por mais antigo e forte o instincto musical do Italiano.

«Tem sido commentadissima a nota—participa o correspondente—pela imprensa e a opinião publica». Não se acredita na negativa feita por Wilson de que ella não resulta da nota allemã de 12 anterior; por ser muito d'extranhar que se lhe siga quasi logo, e preceda a resposta da *Entente*, a expedir em prazo breve. Como quer que seja, pela differença substancial d'objectivos entre os dous grupos belligerantes, não dará resultado algum provavelmente, a não significar ameaça occulta á *Entente*, quando se attenda á escolha do momento em que apparece.

Acaba, assim, de verificar-se que na Itália os instrumentistas carregaram mais fortemente na corda que os seus collegas britânicos e francezes. O passo que o presidente da República transatlântica resolveu dar não é sómente para sentir; é tambem para receiar, visto um possivel intuito recôndito de ser hostil ás Potências alliadas.

Na Rússia—lacuna singularíssima a notar—não

sabemos quaes as impressões que se recebeu. Tão sollicito e loquaz se mostrara o telégrapho em nos dizer o acolhimento feito n'ella ao convite do Bloco do dia 12 anterior, tanto s'exhibia agora preguiçoso e silencioso a respeito do que tivera a nota-circular do respeitavel Presidente.

Nos telegrammas de 25, porque nos de 24 nada s'encontra digno de ser consignado, aquelle tom de quasi animosidade contra Wilson recrudescce e accentua-se nas impressas italiana e ingleza.

Assim, informa-nos o correspondente de Roma para o *Diário de Noticias* afirmar-se nos círculos políticos que a nota corresponde á nova situação creada ás industrias de guerra americanas pela independência obtida a esse respeito pela *Entente*; que os alliados poderão, com effeito, fabricar no anno próximo (o de 1917, decorrente) quantas munições sejam necessárias aos seus exércitos; que, de mais d'isso, a guerra submarina determinou uma corrente pacifista, da qual Wilson se faz echo; que a reserva dos neutraes, que se tem observado até agora, e a coincidência na publicação das duas notas, a *yankee* e a suíssa, logo após o convite dos impérios Centraes, auctorisam a hypóthese de habeis manobras d'estes impérios em aproveitar os embaraços económicos da Suíssa e da Norte América; que no emtanto, e admittindo a existência, na primeira d'essas notas, d'uma encapotada ameaça, os Estados Unidos deverão, antes de a realisarem, reflectir na independência adquirida (nas indústrias de guerra) pela *Entente*, e no poder do Japão, industrial e militar.

E a Havas, fonte limpa quando se trata de communicações officiosas, como a que segue, reforçava de Londres, no mesmo dia 25 de dezembro:

A nota chegou n'uma infeliz occasião, parecendo ser apenas echo dos desejos allemães, e feita sob a pressão das ameaças allemãs ao commercio americano. A

sua referência ao «mesmo desejo d'auxiliar as nações pequenas constitue um commentário irónico ao ponto de vista dos qu'estão combatendo pela restauração da Bélgica e da Sérvia contra os systemáticos destruidores das suas liberdades.» Eis porque a nota se considera em toda a parte com «respeitosa lástima, como uma proposta infeliz pela occasião, pelas tendências, e pelo tom.» Não ha por enquanto resposta collectiva — conclue; mas informações officiaes, sahidas a lume por maneira independente, «estão a indicar claramente que taes propostas não podem ser ainda examinadas.»

Da imprensa de Paris não volta o télégrapho a fallar até á publicação integral da nota, 3 27 conforme a seu tempo advertimos. Como esclarecimento complementar, diremos só que um telegramma de Roma, com data de 26, dizia confirmar-se a existência de negociações, durante bastante tempo, entre os paizes neutros para se redigir notas collectivas (talvez nota collectiva, ou notas do mesmo theor) convidando os beligerantes á paz; mas que falharam por não se ter chegado a um accôrdo, resolvendo então Wilson proceder por iniciativa sua independente.

Do lado da *Entente*, aqui temos pois, em escorço largo, o que o télégrapho nos transmittiu sobre impressões e disposições do journalismo, e do mundo político e diplomático, anteriormente a qualquer affirmação official, ou d'estadistas com actual responsabilidade no poder, e sem quaesquer allusões especiaes ao sentimento ou opinião do grande público.

Voltemo-nos agora para o lado do Bloco.

Avaras, e sobretudo contradictórias, as noticias que o télégrapho nos transmittia de Zurich, na mesma data de 23, directamente e por intermédio do *Matin*. Dir-se-hia haver na cidade da Suissa allemã, o que de resto se tem observado com frequência, duas officinas telegráphicas rivaes, ou mancommunadas tacitamente

uma com a outra, contradizendo-se umas vezes, e mais geralmente neutralizando o effeito d'um certo informe com o de segundo, relativo a differente assumpto e de diversa procedência.

No telegramma directo garantia-se que, «a não ser alguns poucos jornaes, receiosos de que ella contivesse uma cilada, o resto da imprensa *era* unanime em supôr que a diligência de Wilson contribuiria para obrigar a *Entente* a discutir a proposta dos imperios centraes».

No que foi publicado no *Matin*, que a nota «*suscitava* profunda emoção em Berlim, e *foi* geralmente acolhida com frieza e reserva, senão com franca hostilidade».

E a seguir, expressava-se d'este modo: «A imprensa nacionalista repelle-a com brutalidade, censurando o presidente Wilson por ter ousado tomar a iniciativa d'uma diligência que os allemães não tinham solicitado».

A primeira versão parece confirmativa d'um trecho da *Frankfurter Zeitung*, enviado pelo mesmo correspondente para o *Diario de Noticias*, e cuja súmmula era esta: «As conversações com o inimigo são cousas que sómente a nós respeitam». Não téem, pois, os neutros nada qu'intervir. «Comtudo, devem apoiar a Allemanha, dizendo em alta voz ser preciso fallar de paz seriamente», no que «praticarão uma bella acção».

E afinando por este último tom, lia-se em telegramma de Madrid, 23, e procedente de Vienna, que a *Neue Freie Presse* escrevia que a nota obrigaría a ter como primordial a questão da paz, e a *Entente* a discutil-a; a *Viener Allgemeine Zeitung*, que a Áustria, as suas alliadas e o presidente Wilson «*estavam* d'accôrdo quanto á oportunidade do momento» para se criar uma corrente pacifista.

Apenas a *Zeit* parece confirmar a versão do corres-

pondente do *Matin* quando escreve, segundo continuava na sua informação o de Madrid, ter sido «surpresa o passo dado pelo sr. Wilson, por haver, havia ainda pouco tempo, declarado que só s'encarregaria de servir de mediano entre os belligerantes no caso d'estes lh'o pedirem».

Finalmente, talvez como informe complementar ao do dia 23, o correspondente do jornal portuguez citado telegraphava de Zurich a 27 que a «nota do presidente Wilson suscitara em toda a Allemanha uma profunda esperança do que a guerra podesse terminar proximamente».

E até á resposta n'essa mesma data, que lhe deram a Allemanha e Áustria-Hungria, nenhum esclarecimento mais se recebeu sobre a attitude dos jornaes e da opinião nos dous paízes; nem, tampouco, sobre a da opinião e dos jornaes do outro grupo de nações até á resposta official collectiva que lhe deram a 10 de janeiro immediato. O que ha de curioso a notar, a este propósito, vem a ser a parcimónia d'esses commentário-jornalísticos comparada com a sua exuberância ao receber-se o convite dos impérios Centraes de 12 de dezembro; e sobretudo a loquacidade dos homens públicos da *Entente*, com responsabilidades no poder, relativamente áquelle convite, contrastando com o silêncio tumular que mantiveram acêrca do escripto do presidente da União americana. Algumas reflexões lançadas de passagem, ou mutismo absoluto. É uma differença que logo nos poz de sobreaviso.

A reserva mantida pelos homens de Governo dos impérios Centraes, e a própria sobriedade nos commentos da sua imprensa, não havia qu'extranhal-as. Eram consequência, em parte, da organização do poder político, em parte do character e do temperamento, pouco expansivo e excitavel, nos dous povos; razões a que devemos acrescentar a presteza da resposta official, dada por elles n'esse dia 27 ao Presidente.

A dos estadistas da *Entente*, e da sua imprensa a contar pouco mais ou menos d'esta data, é que não comportava, evidentemente, explicação parecida, nem tão simples d'encontrar. Fazendo juizo pelas nossas impressões—e para que se lhes visse melhor o fundamento é que traçamos a rápida resenha informativa que precede—os Governos da *Entente* haviam extranhado, como o dos impérios do Centro e como nós, a despreocupação formal e o desalinho de contextura da nota-circular de 18 de dezembro; e sentiram-se muito naturalmente embaraçados, e por motivos que se percebem de prompto, bastante mais embaraçados que o Bloco, para assentarem entre si n'uma attitude e n'uma interpretação que, em vista da nota allemã de 12 d'esse mez e da sua posição especialíssima em face da poderosa República d'além-mar, não fosse uma inconveniência e um equívoco. Embora nos desagrade quanto, acêrca d'intenções e actos alheios, rescenda mesmo de longe a conjecturas, relevar-nos-hão que d'esta vez, e só por necessidade óbvia de tornar um pouco menos inintelligiveis factos cujo encadeamento não é facil intender por outra maneira, demos por bastante verosimil: primeiro, uma troca activa d'informações confidenciaes entre as chancelarias de Washington e da *Entente*, para melhor se fixar o sentido e o escopo reaes do escripto presidencial de 18 de dezembro; segundo, uma espectativa provisória sobre a recepção que lhe fariam os neutros, e particularmente sobre a resposta que lhe dariam os Gabinetes do Bloco; terceiro, um *mot-d'ordre* combinado com os órgãos principaes do jornalismo, para cessarem quaesquer apreciações e controvérsias relativas ao assumpto.

Estas precauções eram supérfluas para as Potências do Bloco, sobretudo a ser exacto o incidente que o telégrapho divulgou, e graças ao qual se anteciparam, no seu convite de 12 de dezembro, á iniciativa

que «havia muito» desejava tomar o presidente norte-americano; porque a resposta a remetter-lhe é claro que ficava necessariamente reduzida a um agradecimento e a um louvor, na hypóthese de concordância, ou a uma rejeição fria e cortez, na hypóthese contrária, com a insistência no ponto de vista próprio mantido no documento antecipado. E foi isto effectivamente o que succedeu. Ambas as notas, da Allemanha e da Áustria-Hungria, consideram, como o presidente Wilson, que é opportuno o momento para se tractar a sério de paz; que se deve reservar para depois de terminada a guerra presente a obra d'impedir guerras futuras; e que o melhor meio d'alcançar aquelle objectivo (o de s'expôr e fixar as condições d'uma paz susceptivel de perdurar) consiste n'uma troca de vistas immediata e directa entre delegados das nações belligerantes. O resto do longo escripto de 18 de dezembro é como se não fosse lido pelos Governos do Bloco. O seu ponto de vista é o que prevalece na sua resposta official. Não havia pois que a demorar. A 27 era já entregue em Berlim ao snr. Gerard; e até já no dia anterior, 26, a agência Havas telegraphava de Nova-York que a «Allemanha propozera a reunião immediata d'uma conferência de paz em paiz neutro».

Mas para a *Entente* é que se tornavam precisas as precauções de que fallávamos. O Presidente parecia mostrar todo o empenho em que a paz fosse negociada sem demora, *parecendo* apoiar, assim, o convite feito pelos Centraes; e a intenção, pelo menos da França e da Rússia, de o não acolher julgamos havel-a deixado bem patente no nosso opúsculo anterior. O Presidente pedia uma declaração pública dos respectivos «fins de guerra» aos dous grupos belligerantes; e a satisfação do pedido nem era facil, quer péla difficuldade em os exprimir concretamente quer pela necessidade em conseguir primeiro o assentimento unânime dos dez povos

alliadados, nem seria um passo político indifferente, por se ignorar os termos em que o grupo adversário ia responder n'esse capítulo, e por significar um compromisso de que poderiam derivar não poucos nem pequenos embaraços no futuro. Se, por ex., o inimigo formulasse os seus «objectivos de guerra» de sorte a contentar os paizes neutros e alguns belligerantes, mas a sacrificar aspirações ou exigências d'outros, que não fosse possível justificar, ou pelo menos fazer reconhecer, pela opinião imparcial, por tão legítimos e vitaes como as que o adversário admittia? Não representaria esta discordância entre os dous grupos de Potências a scisão irremediavel entre as da *Entente*, e como consequência d'ella o enfraquecimento na solidariedade politico-militar até ali guardada com escrúpulo, que é quasi o mesmo que dizer, o principio da derrota, ou a abdicção, nas mãos de terceiros, do remate da pendência?

Se a linguagem da imprensa lhes traduzia bem as disposições, não é para duvidar que o primeiro movimento dos estadistas da *Entente* fosse o de oppôr á nota do sr. Wilson a recusa que desde logo oppozeram á da Allemanha, com a única differença de se mostrar mais decidido, desabrido quasi, o dos estadistas inglezes e italianos, e um pouco mais contemporizador o dos francezes. Para essa attitude, inferida por nós da recepção desagradavel, melhor diremos quasi hostile, que o jornalismo politico das tres Potências lhe fizera; não deviam ter contribuído menos do que as razões por elle ostensivamente allegadas, a despreocupação protocolar e a obscuridade intrínseca que tivemos occasião d'assignalar no documento.

Se podessem, persuadimo-nos de que o teriam deixado sem resposta, até mesmo na França, onde se conservara em face d'elle um tanto mais de sangue frio. Da animosidade evidente dos jornaes italianos, e das communicações telegráphicas da Havas, principal-

mente da segunda, claramente officiosa, era lógico esperar esse procedimento radical dos Gabinetes dos tres paizes, se com relação ao da França era verídico um informe expedido, a 24, de Paris para os nossos jornaes de 27 (4). Mas a posição dependente, apesar da fanfarrice italiana, para com o grande Neutro d'além-mar, omittindo já os serviços que prestara á causa commum, não permittia inopportunas susceptibilidades em matéria d'etiqueta diplomática; o grupo das Potências adversas podia muito bem prevalecer-se do amuo exaggerado para, senão chamal-o francamente ao seu partido, explorar em seu proveito a irritação que muito naturalmente elle sentiria; e a incerteza do futuro não deixava prevêr até onde haveria a contar com o apoio, ou complacências no entretanto, da poderosa nação que tão inconsideradamente se ia melindrar.

Responder com «firmeza e cortezia», conforme o *Gaulois* aconselhava, sem contudo ir ao encontro dos desejos que o sr. Wilson expressava com perfeita nitidez, offercia tambem os seus precalços.

O grupo inimigo, no caso de n'aquella resposta «cortez e firme» se repudiar a intervenção norte americana, e não haver pois que formular nenhuns «objectivos de guerra» nem assentir á suggestão d'uma paz imediata, evidente que ficaria dispensado de formular tambem os seus; e não s'esquecêria de pôr em contraste, aos olhos do paiz interventor e do Mundo, o seu empenho pacifista com o propósito intransigente das Potências da *Entente*, embora verbalmente se affirmassem democráticas. Não seria mesmo inverosimil que delibe-

(4) Pelo interesse que possa merecer a questão a futuros historiadores, aqui se transcreve o telegramma a que se allude: «*O Petit Journal* diz que a comissão de negócios estrangeiros do Senado nomeou uma delegação que procurará o snr. Briand para o convidar a não responder á nota de Wilson». (*D. de Noticias*: 27, dezembro 916).

rasse com prazer ás sollicitações do Presidente, esboçando em traços geraes, sem pormenor algum concreto e preciso que lhe viesse embaraçar os movimentos, os «fins» que se tinha proposto n'esta guerra. Seria uma discrepância, no acolhimento do escripto, que impressionaria fortemente o seu signatário, e devia portanto exercer influência consideravel na sua attitude ulterior.

A situação, está-se presumindo, era assim bastante embaraçosa, até mesmo para fixar os termos em que melhor convinha responder ao convite dos impérios Centraes. Sem que, pelo menos, se lhes conhecesse a decisão que tomariam, e as impressões produzidas nos Governos d'alguns Paizes neutros pelo citado rescripto, seria arriscado resolver, d'um modo immediato e definitivo, um plano commum de procedimento.

Estas e outras contrariedades parecidas, faceis de prevêr, sustaram um primeiro impulso que podia ser precipitado. Dominou-se o nervosismo do primeiro instante, e voltou-se a ler, com mais tranquillidade d'espirito, o que se interpretara anteriormente um pouco talvez sem a devida attenção. O presidente Wilson equiparara entre si os dous grupos contendores, manifestara sem rebuço a vontade do seu paiz em vêr terminado em prazo breve o conflicto, accentuara mesmo esta vontade nacional e sua em mais que uma passagem; mas com não menor franqueza declarava, nas últimas linhas, que não propunha a paz, nem propunha sequer a mediação. Positivamente: lera-se mal, ou não lhe fôra bem apprehendido logo o pensamento; só talvez com estas leituras repetidas se attentava melhor no que realmente estava escripto; porventura, não se tardou mesmo a descobrir que a hermenêutica do esquivo texto podia bem variar com o arbítrio ou gôsto do intérprete. Passou-se palavra, então, ao jornalismo para suspender as apreciações iniciadas, enquanto se decidia correctamente o diploma sybillino, mediante es-

clarecimentos complementares sollicitados á chancelaria expedidora. E tão satisfactorios foram, cremos, que se viu com toda a limpidez a possibilidade de o transformar, d'obstáculo irritante apparente, em precioso auxiliar do projecto que principiava a ser concebido.

Entrementes, sobrevinham circumstâncias, que favoreciam a reviravolta no mal-humorado acolhimento primitivo. Os neutros, na grande maioria, calavam-se. Apenas quatro na Europa, e por motivos que attenuavam parcialmente o alcance d'esta adhesão, davam ao passo do Presidente o seu voto approvativo: a Suíssa e os tres Estados escandinavos. Por outro lado, os impérios do Centro antecipavam-se n'uma resposta que simplificava a solução do problema. De modo que, a contar provavelmente de 26 ou 27 de dezembro, em que a resposta da Allemanha fôra entregue ao snr. Gerard em Berlim, e até cuja data se mantivera a expectativa, a *Entente* teve plena liberdade para resolver definitivamente o caminho a seguir em relação aos dous interpellantes. A annunciada recusa á recepção das notas d'um e d'outro, confirmar-se-hia nas respostas a endereçar-lhes: mas na resposta aos Centraes incluir-se-hia as condições de paz que se julgava imprescindiveis, na conformidade das innúmeras declarações feitas antes pelos ministros inglezes e francezes; na resposta ao Presidente explanar-se-hia, comquanto em resumo, os «objectivos de guerra» em cuja publicidade elle insistia fortemente. As próprias expressões «bases ou condições de paz», «fins ou objectivos de guerra», eram simples reprodução da linguagem de que o Presidente usava no escripto. Aferrolhava-se a porta aos Centraes, e escancarava-se amavelmente ao snr. Wilson. Feliz ideia teve aquelle visitante importuno e, digamos com toda a franqueza, odiado! Excelente inspiração a de não se haver cedido ao primeiro impulso de cólera e desgosto, inintelligente e prema-

turo, e de se ter entrado na via das explicações recíprocas, pacificante e suggestiva!

No fim deste pequeno trabalho, em Appêndice, vão transcriptos os documentos relativos á questão que temos vindo esclarecendo, na medida em que nos é licito raciocinar dentro do campo das probabilidades, aliás bastante restricto desde que as informações directas não existem. Comparando-os entre si, com a resposta aos Centraes (de 30 de dezembro) inserta no nosso opúsculo antecedente, e com os extractos jornalísticos feitos n'este, vêr-se-ha—suppomos—que a disposição á transigencia, frisada por nós no primeiro, por parte da Inglaterra e da Itália, se converte em intransigência á recepção da nota de Wilson; que uma e outra desaparecem, todavia, para se fundir n'um accôrdo unânime entre as quatro Potências alliadas na resposta que dão ao Bloco e ao Presidente; e que esta evolução ou inversão interessantíssima d'attitude difficilmente se poderá interpretar fóra da hypóthese dos *pourparlers* diplomáticos sobre que vimos architectando o nosso despretencioso estudo crítico.

Se as cousas decorreram conforme as estamos figurando, a França é quem vinha desempenhando no grupo alliado o papel prevalecente na diplomacia e na política, como já o representava no terreno mititar. Foi ella quem desvaneceu o moderantismo manifestado pela Inglaterra e pela Itália ao receber-se o convite allemão de 12 de dezembro; ella quem lhes desarmava agora as prevenções que a nota presidencial de 18 suscitara n'uma e n'outra, restabelecendo por este modo uma unidade e harmonia que por momentos parecia terem afrouxado. As respostas de 30 de dezembro e de 10 de janeiro aos dous documentos citados, foi uma só mão que os redigiu; e esta mão estava em Paris. Para a redacção da primeira, a afirmativa é incontestavel, e não apenas presumivel, como inadvertidamente a

qualificávamos no opúsculo precedente (*Convite e Resposta*, pg. 73) por não havermos recordado na occasião o telegramma expedido, a 28 de dezembro, de Londres pela Havas, dizendo, entre outras cousas, que «a resposta dos alliados á nota allemã, redigida em Paris, fôra approvada por todos os governos interessados». Para a da segunda, não a julgamos menos certa, por não ser nada crível que se recorresse a redactor diverso do que se desempenhara, com applauso unânime, da missão que lhe fôra anteriormente commettida, e que, por certo, foi o elemento conciliador entre os pareceres e os votos discordantes das tres Potências occidentaes. O nosso coração de Latinos não tem senão que regozijar-se com essa translação para Paris d'uma hegemonia política de que Londres parecia ter conservado o monopólio. Tudo está em saber, para ser completo o nosso júbilo, se ella conseguirá manter-se com segurança no futuro, isto é depois de finda a guerra, na grande metrópole espiri-tual do mundo civilisado; e se o anglo-saxão a não fará pouco a pouco regressar áquell'outra metrópole político-económica d'além-Mancha. E ainda está em saber se o precedente aberto com a transigência em praxes recebidas (se a questão formal a que alludimos reconhece um fundamento real), e sobretudo com a derogação d'un exclusivismo em negociações de paz que se affirmara antes intractavel, não arrastará para toda a Europa consequências de que por emquanto mal se pode medir a duração e a extensão.

Mas, abstrahindo-se d'esta provavel imprudência e dos resultados em que venha por acaso a ser fertil, não ha dúvida em que a *Entente* diplomaticamente triumphava sobre os impérios Centraes, e que á França pertence, ao que pensamos, a principal honra do triumpho. Não era simples: fazer acceitar pelos Governos alliados a sua irreductivel recusa á iniciativa allemã de 12 de Dezembro; e substituir a sua adhesão com-

placente, talvez no mais essencial dos pontos contidos na consulta *yankee* de 18 d'egual mez, á irritada rejeição italiano-ingleza que se diria irrevogavel. Deixou-se no limiar da porta o inimigo, restabeleceu-se o accôrdo pleno entre os amigos, e soube-se habilmente preparar a um interruptor importuno o caminho para uma visita festejada. Não ha dúvida: esqueceu-se um pouco o programma, infringiu-se um quasi compromisso tomado solemnemente com o público, acceitou-se uma ingerência de que se não media nem o intuito nem o alcance; no entanto infligiu-se ao odiado inimigo uma derrota.

Porque a não preveniria este, se a previu? E, contudo, prevenil-a não era talvez difficultoso. Bastaria, quanto a nós, accentuar bem as circumstâncias: de se ter a prioridade na apresentação do convite de 12 dezembro; de n'elle se frisar precisamente as razões d'uma solução immediata da questão, que o Presidente indicara no seu escripto de 18; de ser correcto esperar a resposta que as Potências adversárias lhe dariam; e de se não pretender obrigar-as indirectamente a expôr objectivos que não só intenderam sempre reservar para a Conferência entre os paizes empenhados na lucta, mas que lhes não seria facil coordenar na occasião. N'estes termos, pouco mais ou menos, julgamos que os impérios Centraes teriam obviado por modo efficaz a uma inobservância, pelo grupo inimigo, d'uma resolução tomada ha muito, e que tudo parecia suppôr irrevogavel, e por conseguinte aos seus possiveis effeitos sobre a conducção feliz da sua causa. Não ligariam grande importância ao incidente? Ignoramol-o. O certo é que não viram motivos sérios para demorar a sua resposta; que, á parte um laconismo prejudicial ao seu relevo, na nossa opinião, foram n'ella mais lógicos do que os seus antagonistas; e que por isso mesmo, se a não suggeriram, lhe proporcionaram um bom ensejo para a execução da táctica diplomática a que fizemos atraz referência.

Assim, pois, se verificava e desmentia a recepção que vaticinávamos á nota-circular do presidente da União americana. Frieza e correcção, n'um dos grupos belligerantes, em face d'uma interferência imprevista e pouco harmónica, criamos nós, com as regras protocolares admittidas; correcção e semi-hostilidade, a principio, no outro grupo, transmutada, apenas decursos meia dúzia de dias, n'uma complacência que se diria subintender um accôrdo mútuo, preliminar ou actual, entre o interpellante e o interpellado. Para nós, tornou-se evidente que no talisman do rescripto presidencial estava o segredo, o ponto de partida em todo o caso, d'esta mutação no seu acolhimento pelos jornaes e Governos alliados.

Regressemos então ao exame que esta digressão necessária nos levou a interrompér.

Nada tem elle de grato, em regra, sejam quaes forem os diplomas officiaes sobre que tem d'incidir; e é-o ainda menos na hypóthese, quando o assumpto é dos mais graves, e a personalidade que o ventila, das mais predispostas ás dissertações perturbadoras. Em todos portanto, e com melhor fundamento no que faz objecto da nossa critica despretenciosa, se torna preciso considerar em separado alguns dos seus aspectos que são, pode bem affirmar-se, indefectíveis. Queremos alludir ao momento escolhido para o lançar, ás razões allegadas para o fazer, aos intuitos que se teve em mira ou sejam tácitos ou expressos, e aos resultados que provoca, tenham ou não sido previstos.

O momento — digamol-o já — foi o mais possível inoportuno, a tomar o escripto, como de resto é dever de toda a critica proba, no sentido litteral e, já se vê, favoravel ao auctor. Procura elle desculpar-se garantindo que ha muito tinha pensado em se dirigir ás nações belligerantes, nas mesmas disposições em que o

fazia actualmente ; que a sua nota-consulta, embora «preece precipitada» pelo passo dado pelo Bloco, nada tinha com elle de commum na sua origem ; e pedia que a julgassem pelos méritos próprios, abstrahindo do momento.

Mas, snr. Wilson, esta abstracção era impossivel. Que o seu escripto não estivesse associado, na origem, com a nota dos Centraes, nenhuma pessoa de boa-fé punha a menor objecção a admittir ; e muito levianamente andaram as gazetas da Inglaterra e da França, e sobretudo as da Itália, em claramente insinuar a existência d'um conluio. O que não era possível conceder vinha a ser a affirmacção do sr. Wilson de que o seu passo diplomático não tinha sido «precipitado» pelo offerecimento feito anteriormente pelo Bloco ; nem obtêmperar ao seu pedido para uma apreciação d'um e d'outro em separado, como apenas se tractasse d'um passo único, e não fosse exactamente o mesmo o assumpto a discutir. Havia um convite para se iniciar negociações para uma paz immediata ; pouco importando se houvera ou não uma inconfidência em Washington de que os impérios Centraes se aproveitaram. Surgindo seis dias depois uma instância do sr. Wilson para se não protrahir, se possível fosse, a conclusão d'um intendimento que reconciliasse entre si os adversários, como duvidar de que esta suggestão instante fosse «precipitada» pelo convite, e como pretender que o exame da suggestão e do convite se realisasse de maneira independente ?

A impossibilidade d'um tal esforço mental é evidentissima. Ainda quando a abstracção, n'um primeiro ensaio interpretativo, fosse exequivel, a comparação subsequente dos textos abstrahidos é que seria sempre inevitavel ; e os méritos pois, que o presidente norte-americano desejava que fossem avaliados só em si, seriam irremissivelmente confrontados com os do texto concorrente. É, porventura, acreditavel que o sábio profes-

sor d'uma das Universidades da União quizesse tambem que se não procedesse a esta apreciação relativa, e inevitavel, de valores? Tanto elle próprio reconhecia essa inxequibilidade d'uma apreciação por assim dizer em absoluto que não s'esquece de a lembrar aos Gabinetes destinatários, — não fosse acaso acontecer que se deixassem seduzir pelo canto da sereia d'além-Rheno, e desdenhassem a melodia que d'além-Atlântico se propunha disputar-lhe o predomínio. Ora, se era precisamente um tal confronto de méritos entre os dous documentos pacifistas o que o sr. Wilson desejava, é claríssimo que o seu fôra com effeito «precipitado», na sua apresentação, pelo documento rival.

Dir-se-ha que estamos a esgrimir contra moíños, attribuindo ao signatário intenções que não tivera, e que são, de resto, explícitas nas últimas palavras d'elle que vêem de ler-se.

Não estamos. É certo haver escripto que a sua suggestão «*podia* ser melhor examinada em relação com outras propostas que téem o mesmo objecto.» Não o é menos escrever tambem, linhas abaixo, que fosse julgada (a suggestão) pelos seus próprios méritos, e como se tivesse sido feita n'outras circumstâncias.» Se comporta algum sentido coherente, a segunda phrase transcripta quer evidentemente significar isto: que se abstrahisse da existência do convite dos Centraes, e se tomasse a suggestão como feita *antes d'elle*, ou *depois* na hypóthese de que a *Entente* o rejeitasse. Feita *antes*, evidente que a sua apreciação pelos «seus próprios méritos» era facil, por *carência* d'uma proposta qualquer comparativa. Feita *depois*, a comparação com a proposta rejeitada seria natural que tivesse logar, mas sem nada influir, pelo facto mesmo da rejeição, no juízo a emittir, e sobretudo na deliberação a tomar a seu respeito. As «outras circumstâncias» a que o redactor do escripto se refere, ou significam «outro momento,» eliminando-se

pois a coexistência desagradavel com o escripto dos impérios Centraes, ou constituem simplesmente um desconchavo; em termos um pouco mais diplomáticos, uma contradicção de pensamento, ou pelo menos d'expressões. O que o sr. Wilson devia ter dito, para a fazer desaparecer, era o seguinte, salva apenas a redacção: «*fosse julgada* pelos méritos que tivesse em relação ás circumstâncias em que (o presidente) se viu na necessidade de a lançar.» Esta forma de redacção poderia, sem dúvida, insinuar o desejo de lhe vêr aproveitado particularmente o que houvesse n'ella de commum, e tambem de conciliavel, com o theor do convite da Allemanha. Mas este modo de a intender, que foi o da imprensa dos tres paizes occidentaes, é que não podia ser substituído por qualquer outro, desde que não se quizesse desconfiar no respeitavel presidente, auctor do escripto, um propósito occulto de neutralisar, annullar talvez, o esforço que a nota allemã de 12 tinha em vista; isto é, a abertura de negociações para uma paz immediata. Desviada esta suspeição offensiva, resta apenas o desejo commum, nos signatários dos diplomas a qu'estamos alludindo, de se chegar depressa á terminação do conflicto; por consequência subsiste a necessidade de se alterar a redacção como acima a suppozemos.

Vê-se pois que não somos nós, é o sr. Wilson quem labora na contradicção que, de facto, se descobre nas reflexões atraz expressas acêrca da oportunidade em que o esquivo texto americano appareceu. Não tardaremos a verificar não ser a única, nem talvez a principal.

Essa occasião não podia ser menos opportuna — insistamos — ainda que só pelas interpretações pejorativas a que devia levar, e já vimos que levou. Comprehen-de-se que o sr. Wilson não retivesse o passo que «ha muito tempo» meditara até ser expedida pela *Entente* a resposta ao convite dos Impérios; exactamente porque, sendo ella negativa, lhe poderia fugir «a opportuni-

dade» em a vêr apreciada no sentido em que declarava ter empenho, por conseguinte, em fazer reconsiðderar a *Entente* sobre um alvitre já tomado. Mas porque o não deu *antes*, se o meditava, segundo confessa, «ha muito tempo»? O seu projecto não remontava, por certo, a junho ou julho d'esse anno de 1916, nem a quando estavam em pleno desinvolvimento as offensivas iniciadas nas frentes oriental e occidental, pelos Russos e pelos Anglo-francezes. Não remontava tampouco — é provavel — a setembro, em que a offensiva dos Rumenos não se annunciara ainda fruste; pela razão óbvia de que as duas grandes offensivas, reforçadas inesperadamente pela terceira, *pareceram*, até ao fim da mez citado, conduzir breve ao desfecho militar do conflicto, ao restabelecimento pois da paz em prazo curto. Tudo leva, porém, a crer que lhe germinasse no espirito desde outubro, mais provavelmente desde princípios de novembro, ao comprovar-se que o ensaio aggressivo dos Rumenos liquidaria por um desastre, e que d'ahi resultaria, não uma victória decisiva do Bloco, um novo equilibrio entre as forças combatentes; e com esta indecisão do formidavel duello, um largo e indefinido período d'um batalhar rufinoso e esteril, e d'expectativa enervante e ansiosa para os neutraes.

E nos últimos dias d'esse mez, depois de proclamada pelo Bloco a independência da Polónia, decretada a mobilisação civil pela Allemanha, transposto o Danúbio pelas tropas de Mackensen, prevista portanto a occupação de Bukarest, com a consecutiva fallência das offensivas alliadas em todas as frentes e o correspondente esboço da perspectiva a que acabamos d'alludir, é muito provavel que se lhe tornasse no espirito resolução bem definida e assente.

Porque não a executaria o snr. Wilson logo seguidamente á tomada da capital da Rumania? A neutralisação militar recíproca por muitos mezes era então

já tão facil de prevêr, por conseguinte de invocar-se juntamente com o seu voto pessoal por que não houvesse na tremenda lucta nem vencedores nem vencidos, que não atinamos com motivo de pezo que o levasse a protrahil-a. Receiaria que os impérios Centraes s'inclinassem a intérpretar-lhe a interferência como desejo d'embaraçar os progressos que as suas armas vinham fazendo n'esse theatro oriental da guerra? Não é crível; pois que a mesma interpretação lhe podiam dar, e deram com effeito, os Alliados nos que estavam, ou presumiam estar effectuando na sua frente occidental, no Somme pelo menos, sem que todavia o snr. Wilson tivesse sobrestado n'ella. Foi, por conseguinte, a antecipação da nota allemã á sua, embora o não queira admitir — aliás não percebemos bem por quê — a causa principal que o forçou a «precipitar» uma tentativa gizada provavelmente para mais tarde; por ex., para quando os combatentes não podessem negar, com visos de convicção arreigada, o empate da gigantesca partida.

Como na sua mensagem ulterior ao senado da União, em que lhe dá conta dos resultados da nota-consulta de 18 de dezembro, affirma sem a mais leve reticência a sua aspiração íntima a uma paz concluída «sem victoria», a nossa conjectura sobre o motivo capital do protelamento é mais que verosimil, quasi certa.

Mas então, e pela circumstância convergente de se affirmarem os impérios Centraes, no seu convite, vencedores n'esse momento, parece lógico, e seria habil, não lhe interpôr o seu escripto de 18, e esperar que a resposta negativa da *Entente*, da qual a diplomacia norte-americana o informaria em tempo util, desfizesse a impressão d'aquella pretendida superioridade militar, nos paizes neutros e até nos que officialmente se julgavam vencedores. Não era preciso, para o restabelecimento d'uma visão clara dos acontecimentos e da si-

tuação real em todos elles, aguardar muitas semanas. No decurso de janceiro, é fóra de dúvida que o empate do jogo e a prosecução indefinida na sangueira e na ruína estariam de novo patentes á contemplação do Mundo inteirõ. Era esse o «momento psychológico» d'intervir, modificando um pouco a redacção do documento, e tambem ligeiramente, para melhor garantia do escopo a realisar, o *modus faciendi*. Não s'esqueça qu'estamos suppondo sempre no presidente da grande República da América o propósito firme de promover negociações para uma paz immediata, nunca a outra alternativa que se lê com extranheza, nossa em todo o caso, n'aquelle *specimen* raro entre as peças curiosas que a diplomacia exhibe á curiosidade investigadora, e á qual consagraremos adeante algumas linhas.

Mas nem *antes*, nem *depois*; nem quando o terreno internacional da politica não estava ainda atravancado pelos portadores do convite do Bloco, nem já desobstruído pela retirada que a rejeição firme da *Entente* indirectamente intimou aos mandatários. «Por conseguinte — interromperá um d'esses atilados peritos em tirar conclusões de premissas que, geralmente, nem sequer saberiam formular — só restava ao signatário preferir, por exclusão de partes, o instante que lhe surgiu para lançar a suggestão que ha muito preparara».

Por conseguinte — é a única das conclusões que o espirito da «suggestão» de 18 de dezembro e a lógica auctorisam — o signatário dever-se-hia abster d'uma intervenção perturbadora, ou modificar o seu escripto pelo theor do que as Potências Centraes haviam dias antes endereçado ao grupo inimigo. Que o único procedimento, verdadeiramente correcto e lógico, era uma abstenção rigorosa n'um assumpto que, pela força dos precedentes no caso e pelas suas declarações repeti-

das, só interessava ás duas Partes contendoras, e que, dado que tão decisivos argumentos não bastassem, estava sendo na conjunctura directamente debatido por ellas. Tratava-se d'um transcendente collóquio *a duo*, que ninguem, absolutamente ninguem, fossem quaes fossem as considerações que invocasse, se devia crêr autorisado a interromper. Apesar de ferteis em mutações inesperadas, dos annaes da diplomacia não nos consta, talvez por falhas, que jamais lamentaremos, na erudição correspondente, que uma Potência, por mais desinteressada e forte, se tenha permitido o papel d'intrusa n'uma conversa em que não possuía direito bastante a interferir, em que os interlocutores, em todo o caso, não lhe haviam sollicitado interferência. Era preciso que a lucta as tivesse moralmente enfraquecido muito, muito lhes houvesse quebrantado a tradicional independência, em extremo abatido o seu orgulho até ahi inquebrantavel, para que as cinco mais cultas e opulentas Potências da Europa tivessem resignadamente consentido que uma Potência extra-europeia ousasse levantar a voz no meio das suas. Inestimaveis tinham de ser os favores que lhe deviam, excepcional a dependência em que lh'estavam, supremo o interesse em a não descontentarem, para lhe não fazerem sentir desde logo, com toda a correção mas com firmeza, a flagrante inconveniência da *démarche*. E completa devia ser n'ella a confiança no seu poder ainda intacto, e absoluta a certeza de que se não ousaria esquecê-la que nem preciso julgou um annúncio prévio da visita, o que em linguagem diplomática se denomina uma consulta sobre as disposições com que seria recebida, para bruscamente, por uma espécie de recado como já o qualificamos n'outro ponto d'este escripto, atirar para o meio das conservações entabuladas uma opinião, ou «sugestão» como ahi se diz, que nenhum dos interlocutores esperava e ambos tinham antes expressamente

declarado não querer admittir; e que além d'isso vi-sava nada menos, houvesse ou não d'isto a consciência, do que a substituir um alvitre já proposto.

A suggestão «seria melhor apreciada» em relação com este alvitre—allega o grande chefe do grande Estado que interveio abruptamente na conversa pacifista iniciada seis dias antes. A allegação não constituiria em caso algum, quanto mais no caso em debate, desculpa de se não haver respeitado o que pensamos ser praxe diplomática d'uso corrente e indefectível, fazendo-se antecipadamente sondar, pelos ministros da União acreditados junto d'elles, o sentir dos Gabinetes sobre a conveniência ou inconveniência da suggestão meditada; e na hypóthese d'uma resposta acolhedora, de não lhes ser directamente feita, conforme depois succedeu, e precisamente no mesmo assumpto, com o Governo provisório russo.

Nas condições imprevistas, imprevisíveis melhor, em que lhes foi notificada, na terceira pessoa e só directamente pelo ministro apresentante, a nota de 18 de dezembro poderia ser com effeito uma «suggestão», como lhe chama o Presidente, mas era também muito possível que os Gabinetes notificados vissem n'ella uma imposição. Se havia probabilidade d'um acolhimento favoravel, que se teria perdido em a demorar uns quantos dias, á espera do resultado da consulta que os ministros norte-americanos lhes dirigissem a esse propósito? E se havia a certeza de que não se continha na referida suggestão o quer que fosse que representasse um estorvo ao éxito do convite dos impérios Centraes, porque se dispensou um consentimento unânime e preliminar de recepção que ajudaria, sem a menor dúvida, a concluir a paz rapidamente, segundo n'aquella nota presidencial se desejava, e até por mais d'uma vez se accentuava?

Para não fatigarmos por mais tempo os leitores

com a disputa d'um ponto que supponho já bastante esclarecido:

Das duas, uma: a nota-circular do presidente da República transmarina ou só continha, nos seus tópicos essenciaes, o que se propunha e justificava no convite de 12 de dezembro, e n'este caso nada mais lhe era que um reforço; ou continha suggestões, ou propostas, como se queira chamar-lhes, que não constavam do convite, e n'est'outro caso a sua apresentação, sobretudo inesperada, teria necessariamente como effeito, por diversa que fosse a intenção do signatário, erguer embaraços, e em todo o caso promover hesitações, no acolhimento e na resposta a dar ás negociações de paz que o Bloco propunha. Como simples echo do convite, era supérflua, além de poder tomar-se, a não ter havido assentimento prévio á sua recepção, pela *Entente* ao menos, como quebra de neutralidade em favor do bloco dos impérios. Como proposta discordante, quando se attenda a que nenhum aviso a precedera, representava por força, quizesse ou não quizesse o proponente, ou a rejeição da que se fizera no convite, a fallência por conseguinte do desejo d'uma paz immediata, ou a imposição d'uma arbitragem, pelo menos d'um voto de terceira Potência, a ter em custa nas negociações a prosequir com essa intenção. Impedir, ou dictar a paz que os impérios do Centro propunham na sua nota de 12 de dezembro: eis o resultado a que levou, e a que sempre levaria, por mais que se busque negal-o com argumentos ou meras allegações especiosas, a de 18 de dezembro, quando bem se reflecta no seu theor e nas circumstâncias escolhidas para a lançar.

O exame d'este contheudo esperamos que justifique plenamente o que vimos d'affirmar, além de pôr também fóra de qualquer objecção as considerações feitas nas primeiras páginas deste opúsculo.

Tínhamos dito que a sequência ordenada, nos pontos de vista lógico e expositivo das ideias, era de repente scindida por uma digressão a que melhor se prestaria outro logar do escripto, ou que poderia ser mesmo eliminada. Nada menos que um parágrafo inteiro, e não curto, e um longo período lhe consagrou o signatário.

Consiste ella n'uma explicação diffusa, e principalmente redundante por se retomar a diversa altura e com bem maior desinvolvimento as razões que ahí se dá para intervir nas negociações propostas no convite dos impérios Centraes. Tendo-lhe nós já feito referência e emittido o nosso voto a esse respeito, não valeria a pena insistir n'um thema já examinado se não fosse conveniente recordar um pormenor que ficou então na penumbra.. Vem a ser elle que o parágrafo relativo á desculpa da coincidência, com distância de poucos dias, na apresentação das duas notas foi, por necessidade palpavel, redigido posteriormente á data da primeira (12 de dezembro). Este facto contitue uma atenuante admissivel ao defeito d'exposição que tomamos a liberdade d'apontar, convém que façamos d'este modo justiça ao seu auctor; mas suggere-nos ao mesmo tempo a pergunta—se o resto da nota, segundo os jornaes a reproduziram, seria igualmente redigida após aquella data do convite do Bloco, ou estaria «ha muito» preparada, como ahí se declara, sem que modificação alguma se lhe introduzisse n'esse momento, nem na ideia nem na forma? A pergunta não é ociosa.

S'estava preparada «ha muito», esperando só a oportunidade para ser remettida aos Gabinetes destinatários, a inconfidência que a revelou á chancelaria da Allemanha, embora não testemunhe grandemente em favor do pessoal do ministério dos Extranjeros da República, torna-se perfeitamente comprehensivel. Haveria sómente a extranhar que na própria nota se lhe não

tivesse feito referência, velada embora, com o duplo fim de a offerecer como explicação bastante do «momento» e do theor, desde que divergia do convite do Bloco, e como exprobração muito legítima do procedimento em Washington do representante da Allemanha. Esta censura, em particular, quer-nos parecer indispensavel, por ser uma réplica antecipada e decisiva á menor accusação d'interferência incorrecta que os respectivos Governos se lembrassem de formular contra o digno Presidente a propósito do escripto, e sobretudo do que n'elle se propunha. Se o Governo allemão, por certo o principal responsavel do extravio da nota, visto ser quem o aproveitara, viesse a queixar-se d'um «momento» e d'um theor que lhe contrariavam os projectos, subintendidos ou expressos, do seu convite do dia 1, anterior, evidentemente o sr. Wilson não tinha mais que devolver-lhe uma culpa, ou uma derogação ás praxes accetees, que só o Gabinete queixoso commettera e no emtanto determinara.

A insistência na expedição do seu rescripto, seis dias apenas transcursos sobre a remessa do diploma dos Centraes, não se podia qualificar de generosa, nem talvez de muito feliz, levando-se em conta a excepcional importância do assumpto,—se, claro está, havia desejo, profundo e sincero, de pôr depressa termo ao conflicto. Qualquer que fosse o resentimento causado pela incorrecção, senão até deslealdade, implicada no uso que se fez da inconfidência, era preciso não esquecer que havia n'ella responsabilidades, bem mais sérias, de cidadãos norte-americanos; que as intercepções, furtos, violações de cartas e documentos reservados são moeda corrente n'esses atalhos lóbregos da politica internacional e nacional; que os Estados-Unidos não teriam, n'os casos em questão, a sua consciência mais limpa do que as demais Potências do Globo; e que, apesar de tudo, um superior interesse humano estava

impondo uma larga longanimidade, na apreciação do facto incorrecto, a todo o espirito justo e inacessível nos estímulos vulgares. Removida a hypóthese, que só não seria disparatada e absurda se tivéssemos de lidar com um Acquaviva, de ter sido intencional o descuido, ou quer que seja, que franqueou o escripto ao ministro da Allemanha (a crermos, é óbvio, as notícias das gazetas), era preciso não esquecer a discordância que o punha, parcialmente, em antagonismo com a nota dos impérios do Centro; e que podia resultar, conforme accentuávamos no comêço d'esta digressão breve, o protelamento forçado n'um papel mediador que ninguém sollicitara, que ambos os grupos belligerantes estavam mesmo de pleno accôrdo em repellir, e que o próprio chefe da grande União expressamente declara não ter o simples intento de propôr.

Se não estava porém «ha muito» preparado, queremos dizer, redigido, como explicar a inconfidência? E, ao mesmo tempo, porque não se redigiu d'outra maneira, queremos dizer, não se lhe deu uma forma que facilitasse a realisação do empenho commum, ás Potencias centraes ao sr. Wilson, de que se negociasse a paz com a brevidade possível? Eis as questões que deixaremos ao exame dos curiosos por estas ínvias penumbras dos bastidores diplomáticos. Basta-nos que sobr'ellas lhes attrahíssemos a attenção, não fosse acaso alguém imaginar-nos excessivamente distraído nos estudos que vimos consagrando modestamente ás phases e aos diversísimos incidentes por que tem passado o grandioso embate de quasi todos os povos europeus.

Era o contheúdo essencial da nota de 18 de dezembro que nos propúnhamos desfiar — recordemos — ao tropeçarmos com o episódio que nos inflectiu, sem o quererem, o rumo traçado na prosecução d'essa anályse. Vamos a vêr se o conseguimos condensar de modo a que se torne, de confuso e pouco claro ás vezes, sof-

frivelmente comprehensivel. Abstrahindo do parágrafo que provocou as precedentes reflexões, e que suppremos *post scriptum*, parasitário, alheio ao texto primitivo e preparado «ha muito tempo», esse theor poderá resumir-se como segue :

O presidente lembra (falla, em seu nome, o ministro apresentante) que se procure occasião próxima de pedir aos Governos belligerantes uma declaração pública das condições sob as quaes a guerra podia terminar, e das combinações que impedissem no futuro o desencadeamento d'outra guerra similhante.

O presidente (para justificar a suggestão que vem de ser resumida) chama a attenção para o facto de serem virtualmente os mesmos (ou de «parecerem» taes, n'outra forma de s'exprimir com que se depara mais abaixo) os objectivos visados pelos Governos contendores, a avaliar pelas declarações feitas, em termos genéricos, pelos seus homens em evidência.

Antes porém que os cinco objectivos suppostos communs a esses Governos, e cuja enunciação o leitor encontrará no documento reproduzido na íntegra em Appêndice a este opúsculo, possam ser realizados, cada Governo considera, em primeiro logar, como preciso—regular os fins da presente guerra em termos que salvaguardem a independencia territorial, e a liberdade politica e económica das nações implicadas.

O presidente declara a seguir que o povo e governo dos Estados-Unidos são tão interessados e estão tão promptos, como qualquer outro povo ou governo, em garantir a paz futura, e impacientes mesmo por cooperar n'essa obra com todos os seus recursos e toda a sua influencia. «Mas, é preciso primeiramente que a guerra acabe»: assim remata esse trecho do escripto.

Como razão do «interesse profundo» que o seu paiz sente por vêr terminada a guerra, exprime o signatário o receio de que se torne intoleravel a situação,

já dura, dos neutros, sobrevenha á civilização um prejuízo irreparavel, e seja pois demasiado tarde quando se queira realizar «as cousas maiores» que dependem d'esse desfecho desejado.

O presidente infere d'aqui a auctoridade que lhe assiste «para suggerir uma occasião immediata» (em traducção intellegivel: «para lembrar que se lhe proporcione uma occasião immediata») de fazer a comparação dos pontos de vista respeitantes ás condições que têm de preceder essas derradeiras combinações para a paz do mundo.

(Seguem-se alguns períodos em que a nota sentimental é desferida com algum vigor, e com justa comprehensão da psychologia collectiva, talvez em parte para lhe pôr em alto relêvo a insistência do remate: «E, todavia, o objectivo concreto pelo qual se travou o conflicto nunca foi claramente enunciado».)

O presidente observa, a propósito da indeterminação d'este objectivo prévio por falta de declarações explicitas, que o Mundo ficou reduzido a conjecturas sobre os modos de o traduzir concretamente.

Aventa em seguida a possibilidade d'estar a paz mais próxima de nós do que supomos; e de que «uma troca d'impressões possa ao menos preparar as vias para uma conferência», tornando immediatamente praticavel um entendimento entre as nações.

O presidente, porfim, «não propõe a paz, não offerece sequer a mediação. Propõe somente que se façam sondagens», para que todos saibam, belligerantes e neutros, a que distância s'encontra esse porto, ardentemente appetecido.

Por consequência, e pela ordem da exposição, o presidente, no seu longo arrazoado, parece: discriminar as «condições» de paz, das «combinações» que têm d'impedir a renovação de guerras como esta; assimilar estas «combinações» aos «objectivos» visados pelos Go-

vernos dos dous grupos contendores, quando a guerra estiver finda; admitir que estes «objectivos» lhes são communs, taes como têm sido expostos, em linhas geraes, pelos estadistas que fazem parte d'esses Governos, e lhes é também commum o propósito de os fazer anteceder pelo restabelecimento da paz sobre a baze, também commum, de salvaguardar «a independência territorial, a liberdade politica e económica dos seus povos»; estar igualmente d'accôrdo com aquella precedência, e com os «objectivos» *post bellum* que proseguem; temer comtudo que, a ter a lucta de se protrahir, não seja demasiado tarde para se realisar estes «objectivos» supremos, em que os Gabinetes belligerantes e o sr. Wilson s'encontram em perfeita communhão; inferir d'aqui a sua auctoridade para expressar o desejo de paz em prazo curto, e do exame pessoal das «condições» em que será negociada; lembrar que uma troca d'impressões ao menos prepare as vias para uma conferência, e apresse aquelle momento d'uma aproximação entre as nações.

Parece, intencionalmente sublinhamos, e repetimos a palavra; porque, passando-se do nosso extracto resumido ao texto integral da célebre nota, julga-se ler ahí com a mesma clareza:

O presidente «lembra que se procure occasião próxima de pedir» ás nações em conflicto uma «declaração pública», e simultânea, das suas «condições» de paz e das «combinações» que tenham por satisfactorias para prevenir futuras guerras, com o «o fim (textual) de lhes poder comparar o conjuncto na franqueza das suas declarações». Se o traductor portuguez não justificou n'esta phrase o aphorismo italiano: *traduttore, traditore*—quiz o presidente dizer que as declarações públicas pedidas deviam não sómente ser francas, mas inglobar, n'um conjuncto concreto e solidário, aquellas «combinações e condições», isto é, os objectivos formu-

lados até ahí em linhas geraes pelos Governos belligerantes. Ora, a natureza, o intuito, a urgência, a generalidade, eram differentes no quinto e nos quatro anteriores objectivos, ou seja nas «condições» de paz e nas «combinações» impeditivas de guerras futuras, a seguir-se a primeira interpretação que suppozemos. Por consequência, adoptando-se a segunda interpretação, que a ambiguidade do texto auctorisa por egual, todas essas differenças, que se diria essenciaes, desaparecem: «condições» de paz e «combinações» impeditivas de guerra passam a constituir, na realidade, cláusulas a inserir de maneira expressa ou tácita no tratado que venha pôr um termo ao conflicto (1). A sua discriminação é só formal; e só real a sua indistincção, — ao menos para a curiosidade irreprimivel, não diremos fins ulteriores a divulgar ou a reservar, do respeitavel presidente. Para que as separaria então nitidamente, parece, na sua nota-circular? Seria para forçar, brandamente, os Governos belligerantes a definir com precisão um pensamento, sobre as suas «condições e combinações» próprias, que, embora idêntico no aspecto oral que revestia, podia ser muito diverso, e vinha, em todo o caso, «reduzindo o Mundo a conjecturas»; e para declarar que os Estados-Unidos, se não tinham a liberdade de suggerir aquellas «condições», partilhavam toda via com os neutros, n'estas «combinações», a «plena responsabilidade d'um papel»? Talvez. Mas o que a franqueza e a lógica ordenavam, se as duas razões influí-

(1) Rejubilamos ao ver confirmada esta critica pela declaração, unanimamente approvada, dos delegados á conferência de Paris (*D. de Noticias* 2, n.º 1): «As potências aliadas, mais estreitamente unidas do que nunca pela defeza do Direito dos povos, particularmente na península dos Balkans, estão resolvidas a não depôr as armas até obter o fim que a seus olhos domina todos os demais — tornar impossivel a repetição d'uma aggressão criminosa semelhante áquella cuja responsabilidade cabe ao imperialismo dos imperios centraes». É mais do que no texto suggerimos.

ram na destriça, era que o digno Presidente prescindisse de quaesquer explicações sobre cláusulas de paz, visto reconhecer que não tinha «a liberdade de as suggerir» ás Potências interessadas, e expozesse as «combinações» concretas, e não nos termos geraes que amavelmente censurava aos Gabinetes dos povos em lucta, capazes d'assegurar a «paz e a justiça em todo o Mundo», visto não lhe faltarem para essa exposição tão opportuna o direito, a liberdade, e a competência, conforme se viu na sua mensagem dirigida em janeiro seguinte ao senado americano. Tornar-se-hia então inutil a nota-circular de 18 de dezembro: objectar-se-ha. Sem dúvida; mas a sua utilidade, no duplo aspecto a que nos estamos referindo, é que ninguém até hoje s'incumbiu de nol-a mostrar.

Com a mesma clareza, lêmos ainda no escripto presidencial que a lucta, na hypóthese de não receber o seu desejo de paz uma satisfação immediata, proseguirá, acompanhada pelo cortejo de horrores e ruinas de que se traça ahi um quadro commovente, para «fins indefinidos», quer dizer, para alcançar condições de paz, segundo mais adiante s'escreve, como sejam «compensações actuaes, garantias, modificações e delimitações de territorios», etc., sobre as quaes o Mundo inteiro se tem perdido em conjecturas⁽¹⁾. Mas se a ignorância do Mundo acêrca d'esses objectivos immediatos dos combatentes é tal que só lhe é possivel fazer sobr'elles conjecturas, como é que o snr. Wilson, sem um momento tergiversar, nos patenteia, alguns períodos atraz, esses objectivos nebulosos? «Independência territorial,

(1) A nota foi redigida (ou traduzida) de maneira que não é facil dizer se o Presidente quiz tambem englobar nos taes «fins indefinidos», além d'estas «condições de paz», as «combinações satisfactorias» que impedissem futuras guerras. Em qualquer das hypótheses, subsistem as considerações feitas no texto.

liberdade económica e política das nações implicadas » — consoante os interpreta o presidente da União — não são incontestavelmente artigos, nem sequer bases explícitas, d'um tratado de paz entre as Potências que se degladiam. D'aqui, porém, a «fins indefinidos», a objectivos nebulosos, a vagas e obscuras pretensões, vae distância que uma asserção dógmática não nos basta para transpôr. Se a fórmula em que o snr. Wilson nos traduz o pensamento dos belligerantes sobre o seu objectivo immediato deixa a questão no mesmo indefinido e incerto em que até ahí se affigurava a todo o Mundo, não lhe valia muito a pena traduzil-a, se a não podia aclarar. Teria sido preferivel, em vez de nos offerecer uma interpretação conjectural, cuja vantagem se não vê, interrogar simplesmente os Gabinetes em lucta, como de resto fez com a sua nota, sobre quaes as suas aspirações ou disposições no assumpto enigmático. Se não deixa — e n'esta hypóthese não se percebe com que dados a conseguiu formular n'aquelles termos — era evidentemente inutil provocar uma resposta que já estava conhecida.

Dir-se-ha que a fórmula, reproduzida por certo das palavras dos estadistas dos Gabinetes belligerantes quando se referiam ao assumpto, era demasiado genérica para poupar ao Mundo o trabalho de se perder em conjecturas, tornando-se pois necessário dar-lhe sentido mais concreto. Sim: essa é mesmo a razão allegada pelo presidente norte-americano para insistir no pedido feito logo no começo da sua nota-circular. Mas a pretensão, e não verdadeiramente só um pedido, era ao mesmo tempo inconveniente e extemporânea: inconveniente, por não ser possível aos Gabinetes belligerantes, sem provavel lesão dos seus interesses, traduzir em forma concreta o objectivo immediato que as suas nações se propunham, dando mesmo de barato que os acontecimentos não os obrigassem a

altera-o (1); extemporânea, porque havia já uma proposta de paz, e só a esta conferência cabia a apresentação e o conhecimento das taes fórmulas concretas em que o snr. Wilson estava repizando, sem elementos bastantes que legitimassem a insistência. N'uma palavra: pormenores não era possível dal-os, ou tinham de se reservar só para a conferência; a fórmula genérica, estampada no escripto do Presidente, era sufficientemente clara para lhe não permittir qualifica-la de imprecisa, ou indefinida. É uma nova incongruência, que não se vê como explicar facilmente, desde que não queiramos suppôr-lhe, e ninguem a tal hypóthese se deve julgar auctorisado, a intenção subjacente a que n'outro logar d'este opúsculo nos vimos na contingência de alludir.

Depois das instâncias feitas, por mais d'uma vez, no perturbante rescripto para se concluir a paz no mais breve prazo que ser possa, lê-se ainda no seu penúltimo período que o intuito das «sondagens» ahí suggeridas aos Governos destinatários, da *Entente* e do Bloco, é ficarem sabendo, tanto os belligerantes como os neutros, a distância a que o «porto da paz» s'encontraria. Pelo texto anteriormente percorrido com algum cuidado, poderia alguém persuadir-se de que o intuito era diverso: era contribuir para a realisação próxima da paz; fazer do famigerado porto, «para o qual — escreve lyricamente o snr. Wilson — a humanidade tende n'uma crescente e immensa aspiração», em vez de miragem illusória, um bem tangível posto

(1) Folgamos ainda por vêr esta apreciação compartilhada pelo snr. Balfour, respondendo a uma pergunta na Câmara dos Communs:

«Não se pode formular opiniões anticipadas sobre a paz, porque se não pode prever as condições em que s'encontrará o mundo quando ella chegar. Falar largamente sobre este assumpto, prejudicaria a patria». (*D. de Notícias*: 1. agosto).

Que diria a isto o auctor da nota-circular de 18, dezembro, 1916 ?

ao alcance da mão d'essa pobre e soffredora humanidade. Parece, todavia, qu'estávamos todos illudidos. Não era para tornar tangível e próximo esse dom abençoado que o respeitavel presidente da grande República da América cerziu pacientemente a sua longa missiva-circular a todas os países, belligerantes e neutraes; o que não significa porém — bom será que nos intendamos — o mínimo desejo de o transmutar n'aquella fascinante e enganadora miragem de que se fallou acima, e que no immenso e árido deserto fascina e desespera o viandante. Era só modestamente para sabermos, nós todos belligerantes e neutros, a que distancia nos achamos d'esse porto appetecido; de maneira a entretermos no coração o calor tépido da esperanza, s'estiver próximo, imprimir ao pensamento, principalmente á nossa vida, novo rumo se por acaso s'escorde nas brumas compactas e inatingiveis do futuro.

O pedestal é alto de mais para as dimensões da estatueta. Se o fim do rescripto presidencial era só esse, escusada a dissertação que lhe serve de desproporcionado preâmbulo; bastaria condensar na pergunta a prosa toda. A modéstia da conclusão excluía a luxuosa efflorescência, e até mesmo a necessidade, dos considerandos produzidos. «Combinações» impeditivas de guerras, claro é que se tornavam dispensaveis; «condições» de paz, não se lucrava muito em conhecê-las, qualquer que fosse a resosta dada pelos Gabinetes belligerantes á pergunta. Mais outra incongruência por tanto, a reunir ás que já foram assignaladas por nós.

Finalmente — e foi com intenção que as eliminamos do leve apanhado feito acima — lê-se no mirífico diploma estas passagens caracteristicas, que se não sabe como conciliar uma com a outra:

«O snr. Wilson é indifferente quanto aos meios de realisar o que precede» (a declaração pública sobre

os objectivos, immediatos e ulteriores, que se visa n'esta guerra). E logo a seguir, sem a mais singela transição, como se a ideia ahi lembrada fosse continuação, ou paráphrase, da que se contém no período que se acaba de transcrever :

«Sentir-se-hia feliz por ajudar a sua realisação, ou mesmo por tomar a iniciativa a este respeito, de qualquer modo que possa parecer accetavel». E, como quem descobre subitamente o illogismo, ou receia ter dito mais do que queria, apressa-se a explicar a espécie *d'escapade* n'estes termos: «mas não tem o desejo de fixar nem os methodos nem os meios». Regressa, conforme s'está verificando, á ideia primitiva, isto é, ao seu primeiro propó-ito de se manter extranho ao modo práctico de se obter a declaração pública alvi-trada. Para que ninguem aalentasse a minima suspeita d'uma intervenção pessoal activa na *démarche* que sugere, glosa seguidamente a sua renúncia n'esta fórmula desprehendida :

«Qualquer maneira de proceder lhe será accetavel, contanto que o grande fim que elle procura seja satisfeito.»

A rectificação e a glosa implicariam, porém, a reuñcia que lh'estamos attribuindo? Tratar-se-ha realmente, no embrulhado hieroglypho que nos vem pondo em cheque a perspicácia, d'uma rectificação, e d'uma glosa que a esclarece e accentua? Ou não se tratará, ao avesso d'isto, d'uma distincção a introduzir n'um pensamento um pouco vago; isto é, de convidar os Gabinetes das nações belligerantes a não confundirem, ao interpretarem o logogrípho em discussão, os «methodos e os meios,» dos quaes o sr. Wilson se desinteressa em absoluto, com a «ajuda» ou «mesmo iniciativa», em que tem, ao contrário, todo o interesse, um forte e decidido empenho pessoal? Mas, a prevalecer esta leitura, a admittir-se, pelo menos como nada improvavel, este

sentido da importante phrase que vimos pondo em relevo no escripto, como o cohonestar com o d'est'outra passagem, transcripta e citada já n'outro momento, que abre o seu último parágrafo:

«O presidente Wilson não propõe a paz, não offerece sequer a mediação?»

Que propunha, que offerecia, afinal de contas, o incomparavel auctor do incomparavel documento? Se nem ao menos offerecia a mediação, que papel diplomaticamente classificavel aceitava para si, ao suggerir a sua ajuda, ou iniciativa? Pensa-se e repensa-se n'estas passagens grammaticalmente crystalinas, fazem-se esforços desesperados de lógica para pôr o signatário d'accôrdo consigo, e o resultado é sempre o mesmo: egual a zero. Julga-se ter lido mal, volta-se a ler, comparando-as entre si e referindo-as ao contexto: de nada servem nem a integração no contexto, nem a leitura repetida. Não querendo ser mediador, nem podendo ser um transmissor passivo de recados, que funcções se propria desempenhar o sr. Wilson offerecendo aos Governos belligerantes a sua «iniciativa,» ou a sua «ajuda»? Se era uma função diplomática inédita, é deveras para sentir que não a tivesse nitidamente especificado, ainda que mais não fosse para frisar a innovação, e prevenir a hypóthese d'uma interpretação crítica, se não equívoca, certamente precipitada.

Dir-se-ha qu'estamos perversamente descarregando no leitor uma parte ao menos das torturas que a decifração da famosa charada nos infligiu. A suspeita seria injusta, não obstante a relativa equidade em buscar um Cyreneu para o transporte d'uma cruz de que temos aguentado, sósinho, o pezo. Parecia tambem que nos estamos deliciando, com não menor perversidade, com este desnudamento minucioso d'um texto que nos devia merecer acolhimento respeitoso, e em todo o caso impôr a obrigação de lhe não introduzir qualquer

significado diferente do que a literalidade auctorisaria. Seria igualmente injusta est'outra suspeita sobre o intento que tivemos, e sobre as impressões que recebemos ao proseguir n'esse trabalho extenuante.

Não estamos. O que pretendemos foi apenas justificar com factos a apreciação que deixamos exposta, em linhas o mais possível sóbrias e claras, nas primeiras páginas deste opúsculo; e ao mesmo tempo habilitar os que nos fizerem a honra de o percorrer com algum cuidado, a comprehenderem a linguagem e a attitude da imprensa e dos Governos belligerantes ao chegar-lhes á mão o escripto do Presidente, e particularmente as notas com que o Bloco e a *Entente* lhe responderam, a 27 de dezembro de 1916 e a 10 de janeiro de 1917. Se nos houvéssemos contentado com um exame por alto e de corrida, nem se perceberia a justiça das nossas observações desfavoraveis, nem seria muito facil explicar a redacção, tão diversa, d'estas notas diplomáticas, e o desaccôrdo, parcial; se não completo, n'aquellas attitudes e linguagem, dentro mesmo de cada grupo de Potências em momentos successivos.

Do grupo neutral umas, como a Suissa e as tres escandinavas, deram-lhe a sua adhesão officialmente; outras, como a Hespanha, cuja nota é um modelo de clareza, cortezia e habilidade, sem vestígios de incorrecção nem de reserva, declinaram a *démarche* que o Presidente, dias depois, lhe insinuava (1). Do Bloco dos

(1) Eis o trecho da nota hespanhola confirmativo do que dizemos :

«Esta copia (do rescripto de Wilson é acompanhada por uma outra nota de V. Excia. datada de 22 do corrente, na qual a vossa embaixada, em conformidade com as instruções ulteriormente recebidas do vosso governo declara em nome da presidente que o momento parece opportuno para uma «démarche» do governo de S. Magestade, e para que elle apoie, se o julgar conveniente, a attitude adoptada pelo governo dos Estados Unidos». (*D. de Noticias*: 31, dezembro, 1916).

Repara-se bem: o «momento parecia opportuno», ao snr. Wilson, para um apoio dos neutros em favor do passo que dera.

impérios, a Allemanha e a Aústria adoptam-lhe os pontos de vista que se lhes affiguram concordantes com os seus e reportam-se, para o resto, ao theor do seu convite de 12 de dezembro. Da *Entente*, a Rússia cala-se; a Inglaterra, hostile de começo conforme a nota da Havas, muito provavelmente officiosa, nos obriga a concluir, mantem-se n'uma attitudo official d'abstenção, que supozemos hesitante, tal qual occorre com a Itália; a França, aparentemente hostile como este alliado e a Inglaterra, e sem dúvida um pouco *froissée*, irritada mesmo com razão, acaba por adherir ao que julga ser a vontade do Presidente e o seu interesse nacional, e por arrastar comigo todas as outras Potências alliadas. Todas estas impressões, attitudes, mutações, ficariam quasi de todo enigmáticas se enigmática não fosse tambem a famigerada missiva atirada subitamente ao meio da arena diplomática e política, havia seis dias revolta pelo convite do Bloco, pela chancelaria de Washington em nome do grande chefe e da grande República d'além-mar. Um texto com forma clara e uma ideia definida não seria jamais susceptivel d'interpretações tão divergentes entre si, nem de provocar attitudes e actos entre si contradictórios. Era precisamente esse caracter indefinivel, apezar da ostensiva diaphaneidade formal, que tivemos a intenção de pôr em relêvo na fatigante sùmmula analysada nas lacônicas linhas que precedem.

Considerada «nos méritos próprios», segundo a expressão de que o snr. Wilson se serve, e subneta a hermenêutica usual, quer-se dizer, á regra crítica que manda lêr o texto examinado em sentido litteral, óbvio ou natural — qualificativos de valor correspondente — a nota de 18 de dezembro é um authentic *gallimatias*, cuja interpretação varia, como já n'outro logar se fez observar, com o arbitrio ou gosto do intérprete. Ou não comporta nenhum sentido claro,

ou constitue arsenal onde todas as armas se accumulam, miscellânea ideológica em que todas as theses acham argumentos, dentro do assumpto geral a que a sua redacção se subordinou.

Não se imagine haver n'estas palavras um apontar de mau humor, embora se deva convir em que não lhe faltavam nem incentivo nem desculpas. Vimos outr'ora compellido a folhear respeitaveis volumes de materiaes diplomáticos: a collecção compilada pelo visconde de Santarem, não nos lembra quantos Livros Brancos sobre as nossas questões coloniaes, alguns Livros estrangeiros de côres várias, tratados e convenções entre Portugal e outros paizes; actas e resoluções de Conferências internacionaes (particularmente a de Berlim em 1885), protocolos, ou cousa que o valha, de negociações entabuladas pelos nossos ministros dos Estrangeiros, sobretudo a especie de processo verbal das conversas entre Anselmo Braancamp e o representante inglez Morier que precederam ao tratado de Lourenço Marques; e não hesitamos mesmo em investir com obras especiaes de Direito público das Gentes, quando esclareciam pontos controvertiveis em assumptos relacionados com interesses portuguezes, por ex. as de Bluntschli, de auctoridade e reputação universaes. Mentiríamos pois se, por falsa modéstia, nos pozéssemos a inculcar-nos como absolutamente leigos em todos aquelles materiaes diplomáticos. N'essas estopantes consultas a que exigências profissionaes umas vezes, outras o dever de cidadão, não raro a simples curiosidade investigadora, nos coagiram, deparamos com não pouca farragem palavrosa, bastante perfidia, uma dose razoavel d'astúcia, e frequentemente com digressões e argumentar fastidiosos. Mas raramente, em meia dúzia de casos quando muito, com dissertações prolixas sem nexu lógico e sem intuito aparentemente discernivel, ou no emtanto impossivel de se inferir com segurança;

jamais, com um verdadeiro *gallimatias*, uma charada, um logogrifo, desafiando a paciência e a perspicácia do mais habituado e dextro dos peritos hermeneutas. Não é só esta resistência a uma interpretação racional, sem necessidade de forçar o sentido corrente das palavras, e d'articular e desarticular os membros constituintes do conjuncto para os agrupar d'outra maneira — que torna singular, para não dizer extravagante, o curioso *specimen* em que vimos operando essas deslocações interpretativas reclamadas pela hermenêutica em uso. O que a torna original, exemplar único na espécie, ao menos até onde o permite a nossa experiência das espécies similares, é o facto de constituir uma amálgama heteróclita de harpejos líricos, de doutrinarismo cathedrático, e d'um cálculo político que procura definir-se, talvez melhor, que titubeia por enquanto, incerto da sua extensão e do seu rumo, e sonda, ensaia, espreita as circunstâncias em que lhe será possível desinvolver-se e fixar-se; e, ao mesmo tempo, um consórcio subtil d'uma effusiva cordalidade d'expressões com um não sabemos que de sêcco e d'imperativo no tom geral subjacente.

Não se descortina logo esta como intimação latente sob a macieza discursiva, nem aquelle cálculo frio sob a ária dos arroubos doutrinários e poéticos. A interpretação natural, ficou já dito que não conduz a resultado algum coerente e claro, nem sequer «soffrivelmente intelligivel» apesar dos esforços que se faça, e que fizemos com lealdade na crítica rápida que precede. É indispensavel appellar para outra hermenêutica se quisermos, não desfazer contradicções ou incongruências de lógica que subsistem em qualquer processo d'interpretação que se prefira, mas dissipar obscuridades, distinguir entre a substância e os accessórios, e perceber até o motivo d'aquella descordenação do pensamento. E' preciso — n'uma palavra — renunciar á herme-

nêutica que chamaremos objectiva, visto nos reduzir a célebre nota-circular a um simples desconchavo ou a impenetravel logogripho, e adoptar a hermenêutica que denominaremos subjectiva, por ser a única que nos permite achar-lhe significação intelligivel, e mesmo clara convencemo-nos, tanto intrinseca como extrinseca, ou seja em si mesma e referida ás circumstâncias anteriores, actuaes e ulteriores.

Não nos contestem a legitimidade do processo. Que demónio! No início d'um debate diplomático-político tão fecundo em consequências e tão repleto d'obstáculos como o dos últimos dias de julho de 1914, precursor da tormenta em que a Europa, quasi o Mundo todo, vêem rodopiando, surge uma palavra que lhe pode pôr um termo ou imprimir aos successos rumo diverso, e sempre um impulso vigoroso. Ensaia-se lêr essa palavra em sentido natural, e verifica-se que um tal sentido não existe, ou pelo menos foi tão profundamente sepultado sob a litteralidade de superficie que torna de todo improficuos os esforços do intérprete. Esta impressão, além disso, não se tarda a vêr corroborada pela discórdância, o quasi desnorteamento, das opiniões e das attitudes manifestadas pelos órgãos principaes do jornalismo, pelos círculos que fazem auctoridade no assumpto, pelas entidades officiaes a quem esse verbo obscuro fôra transmittido. Mais se comprova que, mau grado toda a caligem por traz da qual esse inesperado verbo se occultou, e toda a confusão e alvoroço suscitados por elle nos meios especiaes que o conheceram e nos corpos collectivos que tinham d'emittir sobr'elle o seu parecer, os votos s'exprimiram e os acontecimentos se dispozeram como se nada houvesse «debaixo do sol» de mais luminoso e de mais límpido, como se o pensamento do oráculo devesse a sua incomprehensibilidade apenas á profundeza do espirito que o gerou. Que recurso pois, se a her-

menêutica em voga não era meio bastante para conduzir o intérprete a esses abysmos atlânticos? Evidentemente dispensa-la, e servir-se um pobre crítico, amarrado ao potro do trabalho pelo dever, d'outra sonda que o deixasse vêr um pouco melhor na opacidade mysteriosa. É como se o pensamento do professor americano, ao vir da orla oriental do seu paiz a esta orla occidental-da velha Europa, tivesse accumulado sobre si, á guisa dos cablogrammas, os 5:000 metros da massa líquida, em média d'altitude, que se interpõe ás duas orlas.

Dizem os grandes exploradores dos oceanos, Maury entr'outros se bem nos lembra, e affirmam os homens de profissão e até os sábios, Tyndall por ex., que a água do mar é tanto mais anilada e opaca, vista de cima, quanto mais pura, e quanto maior a profundidade. O verbo do illustre presidente da União fez nos lembrar essas affirmações dos homens competentes. Nun'a lhe pozemos em dúvida a profundidade e a pureza, do mesmo modo que jamais nos passou pela cabeça contestal-as aos grandes oceanos do Globo. Por isso mesmo, e recordando antigas leituras soterradas na memória pelo dobar contínuo e lento de mais de trinta annos d'incidentes e d'outras occupações espirituaes, lhe attribuímos tambem egual opacidade e uma egual cor azul-ferrete. A visão ordinária, os olhos communs, desarmados ou armados, não dão sabidamente nada quando tentam immergir n'essa massa aquosa, opaca e pura; ou dão apenas um incerto e vago contorno, quando o objecto destae pela tonalidade e as dimensões, e quasi afflora o orgão visual. Tal qual occorre com aquelle verbo, tenebroso e límpido, ao fazermos incidir n'elle o nosso olhar interrogador. Se a vista, nem mesmo da águia, é susceptivel de penetrar nas espessuras oceánicas, torna-se absolutamente imprescindivel recorrer a outro sentido, e no easo

d'impossibilidade em d'elle nos servirmos directamente, a um instrumento apropriado d'exame que obvie a este precalço e remedie aquella deficiência de visão.

Foi isto exactamente o que fizemos. Lance-nos a primeira pedra quem, n'este duro officio de crítico, não commetteu igual peccado. Sabemos bem que na História, como na Philosophia e na Sciência, a objectividade está em moda; que, para a immensa maioria dos cultos, affeiçãoada pelos moldes das sciências positivas, senão já pela doutrina comteana, só os factos têm valor, e nada vale a mais suggestiva e a mais imperativa das ideias que esses factos despertam. Para taes intelligências, cuja espontaneidade parece haver desaparecido sob o montão dos dados concretos que as escolas e os livros lhes despejaram na memória, a ideia, o princípio, o nexó subjectivo em summa, que precisamente communica um sentido, insuffla um espirito e uma alma ao acervo das sensações tumultuárias, e sem o qual o mundo exterior phenomenal não passaria da reedição do Chaos biblico, esse laço ideológico e lógico é uma espécie de vagabundo, rebelde e constantemente em movimento, a quem a grilheta dos factos carece de limitar as excursões; é como um perigoso anarchista que a letra d'um código tem obrigação d'escravisar. Mas nós perguntaríamos a todos esses cultores da materialidade e do formalismo a que ficava reduzida a história humana, a história até só do nosso tempo, se no systema das nossas interpretações o espirito tivesse que sujeitar-se ao arranjo exclusivo das palavras.

A grammática, ninguem se lembraria de o negar, é imprescindivel. Sem ella, não é menos innegavel que o mais rutilante, o mais preciso, o mais genial dos pensamentos, como acontece, v. g., aos que todos os mezes, talvez quasi todas as semanas, muitos estadistas e diplomatas das nossas relações lançam ao pú-

blico em discursos, em artigos, em decretos e outros diversos diplomas officiaes, tornar-se-hia de todo inaprehensivel, total e integralmente refractário ao mais paciente e agudo engenho que se proponha assimilal-os. A de-ordem na expressão não poderia levar nunca á descoberta d'uma ordem subjacente nas ideias. Equivale a um labyrintho de dissonâncias em que em vão se procuraria um tom fundamental, capaz de o transformar n'um accorde correspondente ás exigências do nosso orgão d'audição. Mas a grammática não basta. Entre aquelles estadistas illustres, por ex., de quem vimos de fallar, não faltam absolutamente os que s'exprimem por escripto (não diremos oralmente, pela difficuldade reconhecida em harmonisar a forma correcta com a improvisação elocutiva) segundo as regras da syntaxe que aprenderam peior ou melhor nas escolas, e sobretudo nos escriptores nacionaes,—se tiveram o cuidado meticuloso de a não estropiar com a leitura d'obras estrangeiras. E comtudo, aliás sem o menor intuito de os melindrar no seu muito legítimo amor-próprio de políticos e de governantes consummados, não é raro perder-se algumas horas, alguns dias ás vezes, no improbo trabalho de lhes pôr em relevo alguma ideia nas innúmeras producções, discursos e prosa officiaes, com que vêem assignalando os seus dotes peregrinos d'intendimento e a sua sabedoria incomparavel. A culpa caberá talvez á ignorância e á pobreza mental dos que, por curiosidade ou por dever do officio, os têm de lêr. No emtanto, o certo é que não falta quem tenha já desistido da árdua tarefa de lhes perceber as sublimidades conceptivas.

A grammática é imprescindivel, vínhamos dizendo; mas não basta. A maior limpidez formal, e não sómente já a correcção, é perfeitamente compativel com a mais completa confusão do pensamento. O contrário é que raramente occorrerá. É uma observação de Re-

nan, não nos lembra em qual dos seus volumes, muito exacta e subtil: homem algum, com uma ideia clara na cabeça, folgou jamais em a occultar sob symbolos obscuros. Quando a linguagem discursiva portanto, em vez de simples vehiculo, d'invólucro transparente e passageiro do phenómeno mental a transmittir, se converte em symbolismo obscuro a decifrar, seja qual fór de resto a sua correcção grammatical, podemos estar seguros de que no cérebro a que serve d'instrumento reinam a obscuridade e a confusão. Pode ser incorrecta mesmo no arranjo, sem que o sentido padeça com a inhabilidade, a incultura, a despreocupação litterária do individuo que a emprega. Tudo está em que haja n'elle uma ideia nitidamente elaborada, bem differenciada por elle das ideias confundiveis, mais ou menos similares, ou um estado emotivo prevalecente, e bem discriminado d'outros estados emotivos, menos ou mais interferentes com o que se quer exteriorisar. Sempre que estas condições interiores se realizem, a communicabilidade, a terceiras pessoas, da emoção ou da ideia fica plenamente garantida; a correcção ou a incorrecção formaes descem a incidente secundário, com limitadissima influencia na facilidade e rapidez com que a emoção ou a ideia são assimiladas, ou pelo menos percebidas. A linguagem goza sempre, na hypóthese feita, do seu poder d'evocar no espirito e na alma alheios o estado mental de quem a emprega— quando, convem notar, as ideias ou emoções são, ou podem ser familiares, são, ou podem ser communs a quem as exprime e a quem as tem de receber.

Ora, é este o caso do escripto que temos vindo examinando, e que nos tem compellido, apesar nosso, a tantas digressões desagradaveis. Se a sua literalidade, como se viu, nos leva apenas ao vazio ou ao absurdo; se a estirada prosa, ainda que originariamente mais correcta e correntia do que parece atra-

vez da traducção, não nos vinca fundo uma ideia mãe, directriz, nem desperta um estado emotivo forte, dominante, — com certeza a culpa não] está na impericia no manejo das palavras, por grande que seja, ou como tal se nos affigure; está na indecisão mesma emotivo-mental de quem a traçou. Pelo menos na phase em que se resolveu consignal-a no rescripto, a intervenção meditada pelo seu auctor não estava ainda integral e claramente definida, fosse qual fosse o tempo até ahí gasto em medital-a, e quaesquer que tenham sido as causas d'essa elaboração incompleta. Pretendemos com isto dar a intender que não havia um plano assente e delineado, não relativamente á intervenção em si mesma, relativamente ao instante, e sobretudo ao objectivo a realisar e ao melhor processo de lhe assegurar pleno éxito.

Deixando-se anteceder pelo passo do Bloco, é claro que o Presidente imaginara ser demasiado cedo (a 12 de dezembro) para intervir, ou não se fixara ainda sobre qual a verdadeira oportunidade para lhe não sahir fruste a tentativa de paz. Das duas hypótheses, é a segunda a mais provavel; porque o adiamento na remessa da nota desde o tempo em que principiara a pensar n'ella, só o pode explicar a expectativa do resultado dos acontecimentos militares; e o empate da lucta tornara-se já sufficientemente discernivel desde fins do mez anterior, em todo o caso desde a occupação de Bukarest, a 6 de dezembro, pelos exércitos do Bloco. É possível, comtudo, que os belligerantes não o tivessem ainda reconhecido, sendo por isso conveniente esperar que o decurso ulterior dos successos lhes viesse varrer uma dúvida qualquer a esse respeito. Fosse porém qual fosse o momento julgado mais opportuno para começar a polo em execução, o que se pode ter por certo é que o plano presuppunha a disposição dos combatentes para ouvir fallar de

paz, e aceitar por consequência a «sugestão» que habilmente se lhes fazia com esse intuito. O ponto é tirar a limpo o que vinha a ser realmente a «sugestão», que já se verificou não ser nada facil d'apurar pela hermenêutica geralmente adoptada em casos d'estes, e o «methodo», para nos servirmos do próprio termo empregado no documento, de que o snr. Wilson lança mão para lhe garantir um éxito pleno.

Tiremos primeiro a limpo o que ella não podia ser. Não podia ser mera consulta sobre «a distância» a que «o porto da paz» s'encontraria. E não apenas pelas razões já apontadas n'outro lugar d'este opúsculo; mas porque a pergunta seria, além d'esteril, infantil, dada a evidente impossibilidade de lhe responder com precisão, e porque as medidas a tomar pelos Estados-Unidos e outros paizes neutros na hypóthese mais que provavel de se protelar muito o conflicto, dispensavam perfeitamente a opinião prévia dos Gabinetes consultados, quer sobre o termo da guerra, quer principalmente sobre quaesquer seus «objectivos», ultteriores ou immediatos. O que todos os neutraes tinham immediatamente que fazer, n'aquella hypóthese, era entenderem-se entre si para «salvaguardar pelo melhor os seus interesses», fugir a possiveis tensões ou collisões com os dous grupos contendores, e assentar mesmo, aproveitando a maravilhosa conjunctura, em bases definidas de neutralidade, a defender mais tarde no congresso final das nações em que hão de ser debatidos, e resolvidos para largo tempo, esse e outros problemas que a grande lucta suscitou. Ora, o snr. Wilson propoz acaso, embora já seguro de que o «porto da paz» estava afnda muito longe, aos paizes neutraes uma acção commum no sentido que vimos d'indicar? Não propoz. Ao constar-lhe até que o Conselho federal suíço delarara n'uma nota haver-se entendido com-sigo, por intermédio do representante da Suíssa em

Washington, para a redacção e remessa da consulta de 18 de dezembro, não só se apressou a desmentil-o mas afirmou que não tinha consultado a esse, nem a outro respeito, nenhum neutro (1). Propoz ao menos ao seu paiz, ao fazer no Senado a comunicação official das respostas da *Entente* e do bloco dos impérios, um procedimento politico, independentemente ou de combinação com os demais paizes neutros, adaptado á situação originada na certeza de que a lucta ia proseguir sem limite de tempo nem d'esforços para se chegar a um desfecho decisivo? Não propoz. A conclusão d'isto, e d'outros argumentos mais que se torna supérfluo recordar, é inevitavel: o cuidado pela futura posição critica dos neutros, incluindo a União, allegada em diversas passagens da nota-circular de 18 de dezembro, é consideração secundária na série dos motivos que proximamente se desfia n'ella; «a distancia» a que «o porto da paz» s'encontraria, nem chega sequer a constituir uma preocupação do Presidente, é apenas um pretexto para melhor accentuar o verdadeiro intuito do escripto, e garantir uma retirada airosa no caso de o vêr, rejeitado, ou friamente acolhido, pelos Gabinetes a quem era dirigido em especial.

Não podia ser, tampouco, a expressão exclusiva do «interesse profundo da União» em vêr a guerra concluída em breve prazo. Se o fosse, o envio da nota seria inutil depois da iniciativa tomada seis dias antes pelo Bloco, ou o seu theor devia ser, além de consideravelmente reduzido pela amputação de numerosos trechos de todo extranhos ao assumpto, adaptado ao espirito do documento que a precedeu. Attente-se bem no que vimos afirmando: o desejo d'uma paz

(1) V. telegramma de Nova-York, de 23, dezembro, 1916. Não é da Havas, mas offerece todos os visos de ser authenticico.

immediata julgamos o sincero no presidente da República da América; mas não constituía o pensamento e a preocupação *exclusivos*, nem sequer mesmo princípios, expressos no famoso diploma. A insistência que ahí se põe em o destacar como objectivo supremo do presidente da grande nação americana, e os diversos e poderosos motivos que ahí se allega para justificar aquella preocupação sentimental, não lhes conferem o character *d'exclusivismo*, de quasi obsessão, que se é tentado a attribuir-lhes; pelo motivo de se poderem referir, embora á primeira vista se não descubra essa diffusão da referênciã, a outro ponto egualmente bem accentuado no escripto. Aos olhos d'uma critica severa, sobretudo se pouco disposta a favorecer o signatário, a preocupação e o pensamento que na nota-circular de 18 de dezembro parece terem sido exclusivamente accentuados, não eram nem o «receio» por complicações quaesquer futuras na vida e nos progressos dos paizes d'alto nivel de cultura, nem o «interesse profundo» dos Estados-Unidos pela «terminação do conflicto». Para ella, os pontos do escripto a que se quizera dar relevo não eram esses, ou eram-n'o apenas d'um modo subalterno e, por assim dizer, incidental; eram a «declaração publica» dos objectivos mirados pelos dous grupos contendores, e a sua notificação immediata ao magistrado que os pedia. Todo o empenho em prevenir uma situação intoleravel dos neutros e em subtrahir a civilisação a um mal irreparavel, toda a urgência pois em vêr terminar a guerra, não eram na realidade mais do que a urgência e o empenho pessoaes, talvez tambem do seu paiz, em que essa declaração «d'objectivos» fosse feita publicamente, e transmittida sem demora para Washington. Não era, portanto, em favor de paz immediata que se fazia instâncias no escripto; era em favor da remessa das «condições e combinações» que se formulara, intencionalmente é de suppôr,

como se não differissem entre si para os dous grupos de Potências. Não lhe fosse attendida a pretensão, como de facto não foi pelo Bloco dos impérios, e cahir-lhe-hia depressa o fervor pela paz immediata, pelos neutros ameaçados por uma incomportavel situação futura, pela civilisação em véspera d'incalculavel prejuizo, talvez de uma ruina sem remédio; e foi, com effeito, o que se viu na mensagem, complemento forçado do escripto de 18 de dezembro, lida solemnemente em janeiro findo ao Senado americano.

Mas o mais curioso d'este inextricavel labyrintho diplomático, em que o auctor parecia desafiar a subtilidade dos Gabinetes e dos críticos da Europa, consiste em que a urgente notificação «d'objectivos» não era ainda todo o pensamento, fosse ou não consciente de si próprio, que dentro d'elle se agitava. Esse pensamento integral era o seguinte: provocar uma resposta, que de resto se desejaria litteral e satisfactória, isto é, completa e favoravel, e em face d'ella «delinear e assentar» definitivamente o seu plano, ou na expressão de que nos servimos, o seu «cálculo político», por'ora hesitante e incerto do seu rumo e amplitude, conforme tivemos já occasião d'observar. N'este cálculo, a que a nossa hermenêutica subjectiva inevitavelmente conduz, está a verdadeira chave do escripto; e não só d'elle, da mensagem lida em janeiro seguinte no Senado, e em geral de todas as palavras e actos do Presidente até á declaração de guerra dos Estados-Unidos á Allemanha, e poderíamos dizel-o com a possível segurança, até ao momento (14 d'agosto) em que traçamos estas linhas. Sem ella, não havia meio d'encontrar n'essas estiradas missivas sobrescriptadas ao povo norte-americano e ao Mundo inteiro, senão obscuridades, contradicções, rhetórica empolada, doutrinario sectarismo; e nos actos públicos, egual descoordenação e a mesma prodigalidade de gesticulação incomprehen-

sível. Com ella, tudo entra na ordem e se illumina; todo esse cahos estonteante, em que o mais arguto e audaz explorador mal consegue dar um passo, s'esclarece e entra a revestir uma forma, senão desde logo palpavel, bastante definida e coherente para nos pôr diante dos olhos uma imagem, e ministrar uma ideia á intelligência

Esse plano, que na *Advertência* posta á entrada do nosso antecedente opúsculo já tínhamos indicado como um perigo para a Europa, consistia em impôr a todo o Mundo o «*ideal politico*» americano, conforme textualmente s'escreve, na mensagem de janeiro; isto é, a implantação universal de repúblicas democráticas, que, associadas na tal Liga das nações, ficariam d'ora em diante sob a inspiração e a direcção da Norte-América. Equivalia nem mais nem menos do que á translação para o Novo-Mundo, e naturalmente para a sua maior Potência, da hegemonia social e política exercida, até á organização internacional d'essa Liga, pelo Velho, e disputada n'esta guerra, por mais que a França, quizesse expungir-lhe este caracter desde o princípio, entre a Inglaterra e a Allemanha.

O projecto de Wilson não era novo, nem tampouco original. Como expressão d'um desejo acalentado pelos homens representativos seus compatriotas, contém-se já, por ex., no livro do ex-presidente Roosevelt, que na Europa corre traduzido em francez sob o titulo *L'Idéal américain*, á parte quaesquer divergências devidas ao temperamento especial do escriptor. Como fórmula politica, tal qual se lê na mensagem de janeiro, á qual melhor caberia o nome *d'evangelho do yankismo*, é apenas a coordenação n'um conjuncto, supposto immediatamente applicavel, de pontos de vista elaborados e defendidos desde muito por vários philosophos e publicistas europeus, propensos ao socialismo e ao democratismo, ou imbuídos de preocupações huma-

nítárias. O mérito de Wilson, se algum mérito se descobre n'uma tentativa fundamentalmente chimérica, generosa e tolerante por fóra, egoísta e despótica no íntimo, destinada a fallência irremediavel—mas talvez, por desgraça, apenas depois de haver determinado perturbações e complicações que se vão sentindo já—consiste em converter uma aspiração só litterária, e por assim dizer idealista, n'um propósito político; em fazer d'uma doutrina abstracta d'escola um programma concreto do governo. Não um simples programma de princípios; um programma de «convicções práticas», nas suas próprias expressões.

A grande, a suprema difficuldade porém estava aqui. Satisfazer a um tempo o eleitoradô pacifista, que o levou pela segunda vez á presidência, e o eleitorado intervencionista oppositor, que votara no candidato concorrente, não era a maior; nem chegou talvez a constituir-lhe obstáculo. Questão sómente d'achar um modo d'intervir em favor da paz em nome, precisamente, da excellência dos princípios político-sociaes até ahí sustentados pelos escriptores e Governos da União, e de lhes advogar a applicação ao Mundo inteiro. No caso de bem succedido, claro é que satisfaria as necessidades pacíficas da maioria que o elevou á chefatura, e as aspirações, d'hegemonia mais ou menos confessadas pela minoria que votou no seu adversário. Foi assim que procedeu, com effeito, no rescripto e na mensagem; e assim se comprehende que, ao romper as relações diplomáticas com a Allemanha a 3 de fevereiro, encontrasse a nação norte-americana reunida atraz de si como um só homem.

A peor difficuldade estava em achar occasião e processo d'apresentar e de fazer admittir aquelle programma de medidas e resoluções a pôr em prática, o que acima denominamos o *evangelho do yankismo*, tornando Washington uma espécie de Roma laica a

dirigir, pelo verbo e pela acção do seu pontífice-presidente, as democracias do Globo congregadas n'uma immensa Igreja civilista. N'outros termos, era-lhe indispensavel, primeiro, intervir, sob pretexto ou razão plausiveis, no duello em que todas as grandes Potências, exceptuado só o seu paiz, estavam empenhadas; depois insinuar habilmente, sem forçar a nota da pressão nem levantar suspeitas d'um propósito alheio ao intuito principal da interferência, o citado *evangelho do yankismo*. Para isso, contrahiu-se este evangelho n'um resumo (os «objectivos de guerra», fóra o último, do escripto de 18 de dezembro) cuja paternidade se attribuiu aos Gabinetes das nações belligerantes; e esperou-se com paciente vigilância que os gladiadores, fatigados, empobrecidos e descrentes, se sentissem dispostos a acceitar-lhe das mãos compassivas o clássico ramo d'oliveira.

Propôr a paz ou renovar a offerta de mediação, francamente, abertamente, como em agosto de 1914, não convinha; porque o inhabilitaria de substituir pelas suas quaesquer condições de paz que não fossem do seu gosto, embora suscitassem dissentimentos entre os Governos dos dous grupos. Á menor tentativa de as querer impôr a qualquer d'elles, podia o recalitrante observar que lhe não pedira a intervenção. Recorreu-se, para sahir d'este *in-pace*, ás fórmulas vagas de que o leitor já tem conhecimento: «que se procure occasião», «que se proceda a sondagens», como se o pronome não subintendesse na realidade o estimavel presidente, como se, a não ser por intermédio do snr. Wilson, os Governos dos dous grupos podessem achar essa occasião e proceder a estas sondagens; e lembrou-se o alvitre de appellar algum dos grupos de Gabinetes, ou ambos, para o «auxílio», e mesmo «iniciativa», d'elle próprio presidente. N'uma palavra, reproduziu-se a anedota occorrida com uma dama, um tanto madura, que assistia a

um *salsifré* de gente moça, e a quem um gracioso convidou para se metter nos pares dançantes: «Estou já velha para folias; mas s'instarem muito comnigo, ainda me sinto com forças para dançar um menuete.»

Não se offerecia a mediação, mas accetava-se, no caso de os belligerantes lhe pedirem o «auxílio», ou a «iniciativa», para as «sondagens», «troca de vistas», «procura d'ocasião», que deviam proporcionar a declaração e a notificação dos «objectivos». Ficaria assim habilitado a submeter, quanto possivel, aos artigos do *evangelho do yankismo* as «condições de paz» em que tinha d'intervir como mediador sollicitado; porque, na hypóthese de reluctância ou de grande resistênciã d'um dos grupos de Potências, a simples ameaça de renúncia ao desempenho d'uma funcção que não pedira talvez bastasse, tendo-se em conta o poderio norteamericano, a fazer reconsiderar o grupo intransigente. Estê papel de mediador, só na apparencia occupado em conciliar entre si «as condições sobre que os belligerantes, d'um e do outro lado, se julgassem obrigados a insistir», preocupado realmente em fazer prevalecer, como um árbitro, os seus pontos de vista nacionaes e pessoaes, dependia sobretudo do apoio que um dos grupos lhe desse. Ora, esse grupo, pela afinidade visivel de programmas, não podia deixar de ser a *Entente-Eis*, incidentemente, o motivo provavel que o levou a expungir do resumo do *evangelho yankee*, dado no escripto de 18 de dezembro, certos artigos explicitamente articulados, e mesmo expostos com firmeza, no seu texto integral de janeiro immediato.

No primeiro documento bastaria consignar os que eram a essência mesma do seu programma intervencionista, ou antes, a condição *sine qua non* da hegemonia politico-social do seu paiz em todo o Mundo: o répúdio, pelos paizes negociadores da paz, de futuras allianças; e o pleno assentimento d'elles á futura Liga, ou

Sociedade das nações. Rigorosamente, só este último artigo era a pedra angular do edificio hegemónico congeminado ha «muito tempo» pelo presidente *yankee*. Formulou-se claramente, no resumo, o artigo anterior quer na intenção de preparar os espíritos para os desinvolvimentos a expôr no *evangelho do yankismo*, na hypóthese de feliz acolhida do resumo, quer para supprimir desde já o menor pretexto de formar, ou de manter alianças parciaes que 'poderiam muito bem empecer, e mesmo destruir, ao menos na sua phase incipiente, a futura Sociedade ou Liga das nações. E supprimiu-se n'elle alguns artigos que no *evangelho yankee* são nítida e propositalmente postos em destaque, por serem uns, como a liberdade dos mares e o desarmamento das marinhas de guerra, pouco do agrado da principal Potência marítima da *Entente*, outros, como o desarmamento dos exércitos, vistos com reconhecida hostilidade pelas Potências do Bloco, e outro ainda, como a «inclusão dos povos do Novo-Mundo» nos arranjos do que ahi se chama a «paz cooperativa», encarado pelos dous grupos de Potências com sorriso contrafeito, «amarello» como se diz em Portugal. Virtualmente, nada mais são, estes artigos do *evangelho* prégado pelo sr. Wilson do alto da sua tribuna no Senado, do que desinvolvimentos, corollários lógicos, do princípio basil lar da Sociedade das nações. Mas era de elementar prudência não os evocar, no resumo dado a 18 de dezembro, aos estadistas dos dous grupos de Potências, e comprometter d'este modo *ab initio* o éxito do plano que o estimavel Presidente vinha debatendo consigo ha «muito tempo». Com essa mutilação previdente, que aliás não implicava nenhum illogismo, era de crêr que o resumo do *evangelho* norte-americano passasse, com relativa facilidade ao menos, juntamente com o resto do escripto.

A *Entente*, graças á incontinência de linguagem; á mania das fórmulas vagas, ao abuso dos tropos huma-

нитарistas, e á instabilidade e imprevidência, que sempre caracterisaram as democracias, pelo menos europeias, não podia airosamente recusar-lhe recepção e assentimento; o Bloco, graças á sua teimosia em devolver ao grupo adversário a responsabilidade da guerra de que este o accusava, e mais especialmente á sua falta de coragem em assumir o papel de campeão conservantista, não obstante a impropriedade da expressão *conservantismo*, e em lhe ligar a defeza da hegemonia política da Europa contra qualquer intruso extra-europeu que se propozesse arrebatá-lh'a, via-se na contingência de não o repellir abertamente, isto é, publicamente.

O snr. Wilson — confessemos — redigira menos mal o seu resumo evangelizador do *yankismo*; e attribuindo-lhe modestamente a paternidade, e até mesmo a expressão, aos Governos dos dous grupos de Potências, procedeu com mão de mestre. Qual d'elles iria negar publicamente que era preciso assegurar os direitos do fraco contra o forte; impedir o regresso de calamidades semelhantes a esta guerra; obstar á renovação, ou formação de Tripla-*Entente* e de Tríplíce-*Alliança*, que se accusavam uma á outra de causadoras da catástrophe; e favorecer, por consequente, a criação d'uma Liga universal de nações para a defeza da paz commum, para a garantia dos direitos e da justiça em toda a Terra? Devemos, sinceramente, soltar um bravo! ao illustre presidente da grande República transatlântica. Nem o admiravel Aequaviva, com toda a sua agudeza de jesuíta e de greco-italiano (e não apenas italiano, é crença nossa), se mostraria talvez tão resoluto e habil em prender nas próprias palavras os que se consideravam mais habéis e resolutos. Um bote em cheio atirado pelo esgrimista d'além-mar a esta eterna hypocrisia de governantes e diplomatas europeus! Quem da mentira e das phrases vive, nas phrases e na mentira é enredado.

A *Entente* pois, é óbvio que não se desenvenci-

lharia mais da rêde; o Bloco, a quem a inconfi dência da chancelaria de Washington mostrara o perigo da citação que lhe ia ser feita, procurou fugir-lhe ás malhas com a sua proposta de 12 de dezembro. Se o Presidente, conforme talvez se conjecturou em Berlim e em Vienna, sustasse a remessa do escripto, não é impossível (mas só no caso de a redigir nos termos, pouco mais ou menos, a que nos referimos no opúsculo *Convite e Resposta*) que lhes evitasse o envolvimento. Mas o Presidente guardou-se bem de o conservar mettido na gaveta, vendo lucidamente que chegara o momento azado para obrigar esta Europa soberba e esquiva a ouvir e a responder, com vontade ou sem ella, á sua voz. Não fallando alguém de paz, ser-lhe-hia difficilimo metter entre os belligerantes a sua nota, com o seu resumo evangelizador do *yankismo*, sem ter os ares d'um insensato ou d'um piegas importuno. Renunciar ao resumo seria renunciar ao seu plano favorito; seria descer ao papel secundário de «corretor honesto» na phrase expressiva de Bismarck ao definir o seu nas questões entre a Rússia e a Áustria no Congresso de 1878, após a guerra entre aquella Potência e a Turquia. O convite dos Centraes vinha providencialmente deparar-lhe a occasião appetecida d'entrar na contenda sem o risco de parecer um utopista ou um intruso, muito menos um servidor de Potentados orgulhosos, e com todas as probabilidades de poder até fallar com intimativa, e no emtanto de mostrar aos seus hospedeiros europeus segundo reza a anecdotia a respeito de Bismarck e do representante da Áustria na Dieta de Francofurt (1), que não era inferior em nada a qualquer d'elles.

(1) O representante austro-húngaro recebera em mangas de camisa o a fumar o collega prussiano. Bismarck, percebendo-lhe a intenção, despiu a sobrecasaca, accendeu um charuto, e encetou a cavaqueira. *Se non è vero...*

Abençoada inconfidência, se «precipitou» com effeito o convite dos impérios centraes! Poucas vezes a immunda espionagem ou a bisbilhotice reles terão servido tanto a ponto os interesses d'uma causa. Sem ellas, e a não sobrevir alguma revolta popular que se impozesse á teimosia dos Gabinetes belligerantes em proseguir n'uma lucta sem desfecho, como não fallar de paz quando se preconisava o pacifismo, e como tocar no assumpto a não ser como em agosto de 1914, offerecendo francamente a mediação? Mas n'esta hypóthese—como introduzir nas propostas de que teria de ser apenas transmissor, quando muito medianeiro desinteressadamente empenhado em conciliar os contendores, projectos seus, «combinações» nacionaes e pessoas, sem o grave risco de comprometter a conciliação que propozera, e de talvez indispôr contra si as duas Partes em litígio? N'uma palavra: como subordinar a estas «combinações», objectivo único, immediato e essencial, do Presidente, as «condições de paz» que honestamente, na sua qualidade de medianeiro em que ambos os grupos confiavam, se via na obrigação de admitir, ou de apenas alterar dentro dos limites em que a vontade alheia concordasse? E sobretudo, n'este caso, como poder fallar com intimativa, com aquella «auctoridade» que, na sua nota de dezembro, proclama constituir o seu «direito e o seu dever?»

Abençoada inconfidência! O convite dos Impérios, se na verdade sahiu d'ella, franqueava ao snr. Wilson, como outr'ora a Cesar a injuncção do Senado, a passagem d'este novo Rubicon. Permittiu-lhe a um tempo interferir na paz sem offerecer a mediação, insinuar muito naturalmente o seu projecto sem o precalço de parecer figurar ahí á sobreposse, e principalmente, comprimir os grupos belligerantes, a *Entente* d'uma maneira irremissivel, no dilemma de terem que renunciar a uma paz immediata, ou de lhe subordinar

as «condições», ás «combinações» que o estimavel Presidente, em nome d'elles, pozera todo o cuidado em antecipar n'um resumo. Mas para isto, claro que se tornava imprescindivel o abortamento de negociações directas entre a *Entente* e o Bloco; e o melhor meio, senão único até, de o conseguir era, exactamente, a «comparação» com outra proposta relativa ao mesmo assumpto, contendo um ou mais pontos de vista que um dos grupos não podesse reconhecer, e com duplicada razão, confessar sem prejuizo.

Todos se recordam bem do modo por que os factos decorreram: o Bloco rejeitou correctamente, mas com toda a energia, a intervenção do Presidente, reportando-se á antecedência e ao theor do seu convite de 12 de dezembro; a *Entente*, provavelmente induzida e arrastada pela França, a quem se desenhou a perspectiva de mais um defensor activo da sua ardente aspiração a «desferrar-se», recuperando a Alsácia-Lorena e derrotando o vencedor da guerra de 70, candidamente obtemperou ás «suggestões» do Presidente com a sua extraordinária resposta de 10 de janeiro, grito de vingança e d'extermínio contra o inimigo detestado, além d'espécie de acta official em que uma parte consideravel da Europa reconhece a futura hegemonia do *yankee*; o Presidente, gorada a tentativa de negociações de paz directas, que o Bloco propunha com visão mais clara da crise total da Europa e das suas consequências arriscadas, e que a *Entente* inconsideradamente repellia empolgada pela sua paixão de aniquillar o adversário, seguro pois, com essa derrota do Bloco e com a adhesão pública da *Entente* de 10 de janeiro, ao seu *evangelho* resumido, de que tinha uma enorme força ao seu dispôr, delibera tranquillamente desinvolvel-o e completal-o na mensagem lida, n'esse mez de janeiro, perante o senado da União e o Mundo, e manejar essa força enorme para lhe imprimir, em-

fim, realidade logo que surgisse com a Allemanha um incidente, e elle era quasi inevitavel, que de per si ou favorecido por outro podesse justificar um *status belli*. O primeiro—lembram-se ainda todos bem—foi a declaração do bloqueio submarítimo, feita pela Allemanha em termos tão inhabeis como os da sua nota de 12 de dezembro. O segundo, o decisivo, foi a revolução moscovita de março, que pareceu annunciar, aos olhos extasiados do Presidente, a derrocada imminente e fragorosa das realzas e aristocracias europeias, admiradas e detestadas por todo o *yankee* que se preza, e o próximo advento da Cosmópolis democrática de que viria a ser portanto o propheta e o fundador; e a qual todavia é certo haver iniciado a terceira—e, com a intervenção recente do Papa (estamos a 18 d'agosto)—não sabemos já se a última—phase da história interessantíssima, apezar d'incompleta por, ora, dos esforços para acabar com tantas ruinas e carnagem.

Não temos qu'examinar esse *evangelho*, destinado pelo seu auctor a constituir o direito público, o código jurídico e moral da tal Liga ou Sociedade das nações sob o governo da grande União americana, ainda que nos tivesse sido possível dispôr do espaço que o exame exigiria. Não é esse o fim que nos propozemos: são as iniciativas, não as propostas, de paz que por'ora nos monopolizam a attenção. A seu tempo fallaremos. Nem o snr. Wilson, nem os revolucionários russos, nem o Papa, perderão cousa alguma em esperar. Primeiramente, a oportunidade e o intuito provavel das interferências pacifistas; as fórmulas apresentadas reclamam apreciação independente.

O programma d'este opúsculo julgamol-o, assim, plenamente preenchido com a anályse, que se nos perdoará se fôr, contra o nosso querer, fastidiosa, do logogrifho diplomático da chancelaria da União. Ficamos

crentes de se não haver em vão consumido nem a paciência nem o tempo. Tínhamos promettido uma chave para lhe decifrar correctamente a apparição inesperada, importuna mesmo se preferem, e o sentido real sob a obscuridade e a confusão das apparências. Pensamos tel-a franqueado a quem nos faça a honra de lêr sem paixões nem preconceitos.

Alvitramos, com effeito, descobrir-se n'essa miscellânea cahótica de humanitário lyrismo e de sectarismo cathedrático, como tambem na mensagem de janeiro seguinte, um cálculo político, um plano de acção governativa, por então incerto da sua amplidão e do seu rumo; e supponmos que se terá visto a justeza do alvitre. Affirmamos haver ahí um como tom imperativo e sêcco sob a macieza cordeal da superficie, uma espécie de mão de ferro sob uma luva de pellica; e convencemo-nos de que só a epiderme de alguns calcâneos se lhe mostraria insensivel á rudeza do contacto. Apontamos, e por mais de que uma vez, o perigo de se mostrar, e sobretudo franquear, o caminho da Europa a Potências quaesquer extra-europeias, ou sequer de se lhes não recusar não só o auxilio, mas o simples accesso ás suas forças quer terrestres quer maritimas; e ou muito nos enganamos, ou as consequências perniciosas d'essa imprevidência, d'essa paixão, ou d'essa fraqueza, principiam já a sentil-as os culpados por um tal erro. De todos os que se téem commettido n'esta guerra, e elles abundam nos dous campos que se disputam a victória, nenhum com a gravidade que este pode, e talvez não tarde a assumir subitamente. A dependência económica e financeira é já um facto, e sel-o-ha quem poderia dizer por quanto tempo! Outro facto é a dependência em pessoal técnico, actual e n'um futuro que não é facil determinar. Terceiro facto, não menos significativo do que os dous antecedentes, a perda enorme e progressiva de mercados para o commercio e a indús-

tria da Europa, e que não é simples recuperar se mãos amigas, *yankees* e japonezas sobretudo, não desperdiçaram o venturoso momento de os chamar a si com segurança. A dependência militar, já não existe possibilidade sequer de a ter por duvidosa. Que falta pois? A dependência política; e esta própria não anda já por muito longe, depois da inacreditavel condescendência diplomática de 10 de janeiro de 1917.

A esta crise, que nem na do império romano encontra paralelo, crêmos bem que a Europa ainda é capaz de resistir. Pela Geographia, a Ethnologia, as tradições e a história, é um recanto único, privilegiado, insubstituível, do Globo. Dispõe de vastos recursos e d'aptidões, intellectuaes e moraes, de que nenhum povo ou homem extranho a ella fazem uma ideia mesmo superficial e approximada, É um escol humano, invejado, admirado, temido, por consequência abominado, mas é no fim de contas um escol; e como escol, acabará por triumphar. Não deixam, por isso, de ser para lamentar a leviandade e a cegueira dos que se téem esquecido de que toda a guerra entre Europeus é essencialmente civil, uma verdadeira lucta de família, em que nenhuma ingerência extranha deve tolerar-se, e que só a Europeus cabe resolver.

P. S. Concluíamos a revisão do manuscrito d'este opúsculo quando, no *Diario de Noticias* d'hontem, 19 de agosto, deparamos com o telegramma seguinte: «**Nova York, 18**—*Os alliados confiaram ao presidente Wilson a redacção da resposta à nota do Vaticano*».



APPÊNDICE

A NOTA DOS ESTADOS UNIDOS

DE 18 DE DEZEMBRO DE 1916

O presidente dos Estados Unidos encarregou-me de sugerir ao governo francez um plano de acção referente á presente guerra. Espera que o governo francez o tomará em consideração como sugerido pelo espirito mais amigavel e como vindo não só de um amigo mas tambem de um representante de uma nação neutra, cujos interesses foram sériamente affectados pela guerra e cuja preocupação pela sua terminação rapida resulta de uma necessidade manifesta de determinar os meios de salvaguardar, pelo melhor, os ditos interesses se é que a guerra tem de continuar.

Ha muito tempo que o presidente pensou em fazer a sugestão que estou encarregado de apresentar. O snr. Wilson sente-se um pouco embaraçado por a oferecer no momento presente, porque ela pode parecer ter hoje sido precipitada pelas recentes negociações das potencias centraes. De facto, ela não está associada de nenhuma maneira com elas na sua origem, e o presidente teria retardado a sua oferta até que as entabolações das potencias centraes tivessem recebido resposta, se não fosse o facto de que a sua sugestão é tambem respeitante á questão da paz e pôde ser melhor examinada em relação com outras propostas

que tem o mesmo objecto. O presidente não pôde fazer mais do que pedir que a sua sugestão seja julgada pelos seus próprios meritos e como se ela tivesse sido feita em outras circumstancias (1).

O presidente lembra que se procure proximamente uma occasião para pedir a todas as nações actualmente em guerra uma declaração publica das suas maneiras de ver quanto ás condições pelas quaes a guerra podia terminar e quanto ás combinações consideradas como satisfatorias, contanto que constituam garantias contra o reaparecimento ou o desencadeamento, no futuro, de um conflicto similar, a fim de poder comparar o conjunto na franqueza das suas declarações.

O snr. Wilson é indifferente quanto aos meios de realizar o que precede. Sentir-se-hia feliz de ajudar á sua realização, ou mesmo de tomar a iniciativa a este respeito de qualquer maneira que possa parecer aceitavel; mas não tem o desejo de fixar nem os methodos nem os meios. Qualquer maneira de proceder lhe parecerá aceitavel, contanto que o grande fim que elle procura alcançar seja atingido.

Toma a liberdade de chamar a attenção para o facto de que os objectivos que os homens de Estado beligerantes de ambos os lados tem em vista nesta guerra são virtualmente os mesmos, conforme com as declarações que foram feitas em termos genericos nos seus proprios povos ao mundo.

De cada lado desejou-se defender os direitos e os privilegios dos povos fracos para que ficassem tão assegurados contra as aggressões ou renegações da justiça no futuro como os direitos e privilegios dos Estados grandes e poderosos, actualmente em guerra (2).

(1) E' de crer que todo este parágrafo represente uma addição ao texto, talvez redigido cha muito.

(2) Primeiro objectivo.

Todos desejam ser garantidos no futuro, ainda como todos os outros povos e nações, contra a volta de guerras semelhantes a esta e contra a opressão ou intervenções egoístas de todas espécies (1). Todos desconfiariam da formação de toda a especie de liga nova para manter uma balança incerta de poder, origem de multiplas suspeitas; mas todos estão prontos a encarar a formação de uma liga das nações para assegurar a paz e a justiça atravez do mundo inteiro (2).

Antes que, todavia, o objectivo final possa ser realzado, cada um considera em primeiro lugar como necessario regular os fins da presente guerra, em termos que salvaguardem de uma maneira nitida a independencia territorial e a liberdade politica e economica das nações implicadas (3).

O povo e o governo dos Estados Unidos são interessados nas medidas a tomar para assegurar a paz futura do mundo de uma maneira tão vital e tão directa como os governos actualmente em guerra.

Além d'isso, o seu interesse nos meios a adotar para libertar no mundo os povos mais pequenos e mais fracos do perigo da injustiça e da violencia é tão forte como o de qualquer outro povo ou governo. Estão prontos e mesmo impacientes por cooperar, na consecução desses fins quando a guerra terminar, e isso com toda a influencia e com todos os recursos de que dispõem. Mas, é preciso primeiramente que a guerra acabe (4).

Quanto ás condições em que isto é possível, os Estados Unidos não teem a liberdade de os sugerir; mas o presidente Wilson tem a convicção de que é do seu direito e do seu dever pôr em destaque o interesse

(1) Segundo objectivo.

(2) Terceiro e quarto objectivos.

(3) Quinto objectivo, a realizar *antes* dos outros.

(4) Chama-se a attenção para esta afirmativa.

profundo da União pela sua terminação, receando que não venha a ser muito tarde para realizar as coisas maiores que dependem dessa terminação, receando que a situação das nações neutras, hoje extremamente dura de suportar, não se torne totalmente intolerável e, sobretudo, receando que venha á civilização um prejuizo que não seja possível nunca ser reparado.

O presidente acha-se, por consequencia, com autoridade para sugerir uma occasião immediata para fazer a comparação dos pontos de vistas (1), respeitantes ás condições que devem preceder essas ultimas combinações para a paz do mundo, que todos desejam e nas quaes as nações neutras, tanto como as beligerantes, desempenham um papel plenamente responsável. Se a luta tem de continuar para fins indefinidos atravez de uma lenta agonia até que um ou outro dos grupos esteja esgotado; se milhões e milhões de vidas humanas tem de continuar a ser oferecidas em holocausto até que um dos dois grupos não tenha mais para oferecer; se tem de ser suscitados ressentimentos que não possam nunca ser apaziguados e se tem de se gerar desesperos de que se não possa ressurgir as esperanças de paz e de um concerto de boas vontades dos povos livres serão vãs e irrealizáveis.

A vida do mundo inteiro foi profundamente afectada. Cada parte da grande familia humana tem sentido o pezo e o terror deste conflito armado sem precedente. Nenhuma nação do mundo civilizado se póde dizer verdadeiramente ao abrigo da sua influencia ou em segurança contra as perturbações que são suas consequencias. E, todavia, o objectivo concreto pelo

(1) Comparar com a passagem seguinte: «O presidente lembra que se procure próximamente uma occasião para pedir», cujo remate é, «afim de poder comparar o conjunto na franqueza das suas declarações».

qual se travou o conflito nunca foi claramente enunciado.

Os dirigentes dos diferentes beligerantes, como fica dito, enunciaram esses fins em termos geraes. Mas, formulados em termos geraes, esses objectivos parecem os mesmos dos dois lados.

Até agora, os arautos autorizados de cada lado não confessaram nunca os fins precisos, que se fossem realizados, os convenceriam, assim como aos seus povos, de que a guerra tinha atingido o seu fim. O mundo ficou reduzido a conjecturas quanto ao resultado definitivo, ás compensações actuaes de garantias, ás modificações e delimitações territoriaes, ao proprio grau dos sucessos militares que levariam a guerra a terminar.

E' possível que a paz esteja mais proxima do que nós supomos; é possível que as condições sobre as quaes os beligerantes de um lado ou do outro se julgassem obrigados a insistir não sejam tão inconciliaveis como se poderia reear, que uma troca de impressões possa ao menos preparar as vias para uma conferencia e fazer da concordia permanente das nações uma esperanza do futuro immediato e tornar immediatamente praticavel um entendimento das nações (1).

O presidente Wilson não propõe a paz, não oferece sequer a mediação. Propõe sómente que se façam sondagens (2), a fim de que possamos saber, tanto os neutros como os beligerantes, a que distancia se póde encontrar ainda o porto da paz, para o qual tende toda a humanidade numa aspiração imensa e crescente. O presidente crê que o espirito em que fala e o fim que pretende alcançar serão ouvidos por todos os interessa-

(1) Chama-se ainda a attenção para o que se diz n'este parágrafo.

(2) V. nota (7).

dos, e exprime, com toda a confiança, a sua esperança de uma resposta que trará uma nova claridade nos negocios do mundo.

(*Diario de Noticias*: 27, dezembro, 1916)

RESPOSTA DA ENTENTE Á NOTA PRECEDENTE

Os governos aliados receberam a nota que lhes foi enviada em 19 de dezembro de 1916, em nome do governo dos Estados Unidos.

Examinaram-na com o cuidado que lhes aconselha ao mesmo tempo a exacta comprehensão que tem da gravidade d'esta hora e a sincera amizade que os liga ao povo americano.

De uma maneira geral, querem declarar que prestam homenagem á elevação dos sentimentos em que se inspira a nota americana e que se associam de todo o coração ao projecto de criação de uma liga das nações para garantir a paz e a justiça através o mundo (1). Reconhecem todas as vantagens que representará para a causa da humanidade e da civilização a instituição de regulamentos internacionais destinados a evitar os conflitos violentos entre as nações, regulamentos que deveriam comportar as necessarias penalidades para lhes assegurar a execução e impedir assim que uma aparente segurança sirva para facilitar novas agressões.

(1) A *Entente* adhere ao millenário. Archivemos.

Mas uma discussão sobre os acordos futuros destinados a assegurarem uma paz duravel supõe em primeiro logar uma satisfatoria regularização do conflicto actual.

Os aliados experimentam um desejo tão profundo como o governo dos Estados Unidos de ver terminar o mais cedo possivel a guerra de que os imperios centraes são os responsaveis e que inflinge á humanidade tão crueis sofrimentos. Mas julgam que é impossivel realizar já uma paz que lhes garanta as reparações, as restituições e as garantias a que lhes dá direito a aggressão cuja responsabilidade cabẽ ás potencias centraes e de que o proprio principio tendia a destruir a segurança da Europa; uma paz que permita, por outro lado, estabelecer n'uma base solida, o futuro das nações europeias. As nações aliadas teem a consciencia de que não combatem por interesses egoistas, mas antes de tudo para salvaguarda da independencia dos povos, do direito e da humanidade (1).

Os aliados reconhecem plenamente as perdas e sofrimentos que a guerra faz suportar tanto aos neutros como aos beligerantes e deploram-nos; mas não se consideram responsaveis, não tendo de forma nenhuma nem querido, nem provocado a guerra, e esforçam-se por reduzir esses prejuizos na medida compativel com as exigencias inexoraveis da sua defeza contra as violencias e ciladas do inimigo.

E' com satisfação, pois, que tomam conhecimento da declaração feita de que a comunicação americana não se associa, de nenhuma forma, na sua origem, á das potencias centraes, transmitida em 16 de dezembro pelo governo da União. Demais, não duvi-

(1) Archivemos ainda: ao futuro o commentar.

davam da resolução d'esse governo de evitar até a apparencia de um apoio, mesmo moral, dado aos auctores responsaveis da guerra.

Os governos aliados creem dever levantar-se da maneira mais amigavel, mas tambem a mais concisa, contra a semelhança estalebecida, na nota americana, entre os dois grupos de beligerantes; essa semelhança, baseada nas declarações publicas das potencias centraes, e em opposição directa com a evidencia, tanto pelo que diz respeito ás responsabilidades do passado como pelo que se refere ás garantias do futuro; o presidente Wilson, mencionando-a não quiz certamente associar-se-lhe (1).

Se ha um facto historico assente na hora actual, é a vontade de aggressão da Allemanha e da Austria-Hungria para firmar a sua hegemonia sobre a Europa e o seu dominio economico sobre o mundo. A Allemanha provou, com a sua declaração de guerra, com a violação imediata da Belgica e do Luxemburgo e com a maneira porque ela conduziu a lucta, o seu desprezo sistematico por todos os principios de humanidade e por todo o respeito pelos pequenos estados; á medida que o conflito evolucionou, a attitude das potencias centraes e dos seus aliados tem sido um continuo desafio á humanidade e á civilisação.

Será necessario lembrar os horrores que acompanharam a invasão da Belgica e da Servia, o regimen atroz imposto aos paizes invadidos, o massacre de centenas de milhares de armenios inofensivos, as barbarias exercidas contra as populações da Syria, os *raids* de *zeppelins* sobre as cidades abertas, a destruição pelos submarinos de paquetes e de navios

(1) Estamos d'accôrdo: o «presidente Wilson não quiz certamente associar-se-lhe», alias, em traducção que s'intenda, «assentir» á semelhança entre os dous grupos belligerantes.

mercantes, mesmo sob pavilhão neutro, o cruel tratamento inflingido aos prisioneiros de guerra, os assassínios jurídicos de *miss* Cawel e do capitão Fryatt, a deportação e a redução á escravatura das populações civis, etc.?... A execução de semelhante série de crimes perpetrados sem nenhuma preocupação pela reprovação universal, explica amplamente ao presidente Wilson o protesto dos alliados.

Consideram que a nota que enviaram aos Estados Unidos, em replica á nota alemã responde á questão posta pelo governo americano e constitue, segundo as proprias expressões d'este ultimo, «uma declaração publica quanto ás condições em que a guerra podia ser terminada» (1).

O presidente Wilson pretende mais: deseja que as potencias beligerantes definam com plena clareza os fins que se propõem alcançar, continuando a guerra; os aliados não experimentam nenhuma difficuldade em responder a' esta pergunta.

Os seus fins de guerra são bem conhecidos: foram formulados muitas vezes pelos chefes dos seus governos. Esses fins de guerra não serão expostos pormenorisadamente, com todas as compensações e indemnizações equitativas pelos prejuizos soffridos, senão no momento das negociações. Mas o mundo civilisado sabe que taes fins implicam, como de toda a necessidade e em primeiro plano:

A restauração da Belgica, da Servia e do Montenegro e as indemnizações que lhes são devidas;

(1) Estas condições são resumidas, com o mesmo vago que se observa em todas as notas relativas á paz, sejam quaes forem os signatários, no período que precede logo (na resposta da *Entente* de 30, dezembro, 1916) a referência á Belgica. Ver o Appêndice do nosso opúsculo *Constitue e Resposta*, pag. 98, onde esse documento vem reproduzido.

A evacuação dos territorios invadidos em França, na Russia, na Romania, com justas compensações;

A reorganisação da Europa garantida por um regimen estavel e baseado, tanto no respeito das nacionalidades e no direito á plena segurança e á liberdade de desenvolvimento economico que todos os povos possuem, pequenos ou grandes— como em convenções territoriaes e regulamentos internacionais proprios para garantirem as fronteiras terrestres e maritimas contra os ataques injustificados;

A restituição das provincias ou territorios outr'ora arrancados aos alliados pela força ou contra a vontade das populações (1);

A libertação dos italianos, dos slavos, dos romaios e dos tcheco-slovacos do dominio estrangeiro;

A libertação das populações submettidas á sangrenta tirania dos turcos;

A expulsão da Europa do imperio otomano, decididamente estranho á civilisação occidental (2).

As intenções de sua magestade o imperador da Russia a respeito da Polonia foram claramente indicadas pela proclamação que acaba de dirigir ao seu exercito (3).

Escusado será dizer que se os aliados pretendem subtrair a Europa aos appetites do militarismo prussiano, nunca esteve no seu designio tentar o exterminio dos povos alemães e a sua desaparição poli-

(1) Subintende-se a Alsácia-Lorena sobretudo, embora não houvesse a coragem de o dizer.

(2) Os sete «objectivos» mencionados, não é esta a occasião de os commentar. Não esquecer, todavia, confrontal-os com as cláusulas d'uma «paz cooperativa» expostas no *evangelho yankee*, de janeiro findo, particularmente com a da «paz sem victoria» em que poz insistência e eloquência o evangelista d'além-mar.

(3) «As intenções de sua magestade» não podiam, com effeito, estar mais d'accôrdo com os ideaes preconizados pela *Entente* e o Presidente.

tica (2). O que elles pretendem, acima de tudo, é basear a paz sobre principios de liberdade e de justiça, sobre a fidelidade inviolavel ás obrigações internacionaes, em que o governo dos Estados Unidos se tem sempre inspirado.

Unidos para alcançarem este fim superior, os aliados estão resolvidos, cada um de per si e todos solidariamente, a agirem com todo o seu poder e a suportarem todos os sacrificios para conduzir a fim victorioso um conflicto de que estão convencidos que dependem, não só a sua propria salvação e a sua prosperidade, mas o proprio futuro da civilisação (3).

(*A Lucta*: 15, janeiro, 1917).

MENSAGEM DE WILSON AO CONGRESSO

Senhores Senadores.

Em dezoito de dezembro findo dirigi uma identica nota aos governos das nações presentemente em guerra, solicitando-lhes para indicarem, mais definidamente do que fôra até ahí feito, por qualquer dos grupos dos beligerantes, as bases sobre as quaes elles

(1) Realmente, não era facil. Todavia, se vencer, não deixa de ter seu interesse observar a qual regimen tenciona a *Entente* submeter-se.

(2) Segue-se um *Apelo da Belgica á justiça americana*, qu'eliminamos por inutil ao nosso objecto.

julgariam possível fazerem a paz. Falei em nome da humanidade e dos direitos de todas as nações neutras, como a nossa, cujos mais vitais interesses a guerra põe em constante risco.

As potências Centrais uniram-se n'uma resposta em que se limitavam a declarar que estavam prontas a reunir em conferencia com os seus antagonistas a fim de discutirem os termos da paz. As potências da Entente, respondendo por uma forma muito mais definida, expuzeram, em termos gerais, é certo, mas com bastante exactidão para se poder tirar conclusões, os arranjos, garantias e completa reparação que elas julgam e reputam indispensaveis para se chegar a um accordo satisfatorio.

Eis quanto nos conseguimos aproximar de uma discussão definitiva que terminará a guerra actual. Eis quanto nos aproximamos do concerto internacional que dará a paz ao mundo.

E' ponto assente que toda a discussão da paz que venha pôr termo a esta guerra será seguida de uma junção de forças que tornará virtualmente impossível que uma catastrophe de idêntica natureza possa novamente vitimar a humanidade. Todo o amante do genero humano, todo o homem sã e ponderado, deve poder ter disto a certeza.

Entendi ser meu dever dirigir-me a vós nesta ocasião por serdes vós a entidade que comigo está associada no cumprimento das varias obrigações internacionais, communicando-vos sem reserva o modo de pensar que se ia formando no meu espirito no tocante ao que deverá ser a attitude do nosso governo no futuro quando se tornar necessario lançar os novos alicerces da paz entre as nações.

O povo dos Estados Unidos não se podia conservar alheio a essa grande empreza. Tentar realizá-la não será mais do que aproveitar o ensejo para o qual

ele se preparou, tanto pelos principios e pela orientação da sua politica como pelas normas sempre postas em pratica pelo seu governo, desde os dias em que se constituiu em nação na elevada e honrosa esperança de que todos os seus actos concorreriam para indicar á humanidade qual o verdadeiro caminho da liberdade. A sua honra não permite que se esquivae ao desempenho do alto serviço que d'ele se solicita. E nem ele ao mesmo se quereria esquivar.

Mas, tanto a si mesmo como a nações do mundo espoliadas deve o especificar as condições dentro das quais poderão prestar esse serviço.

Eis em que esse serviço consiste: juntar a sua autoridade e o seu poder á autoridade e força de outras nações para garantir paz e justiça em todo o mundo. Semelhante arranjo já agora não póde ser muito tempo adiado. Mas é justo que antes de se a ele chegar este governo formule francamente quais são as condições nas quaes elle se consideraria justificado em pedir a aprovação ao nosso povo para a plena e completa adesão a uma liga para a paz.

Estou aqui para tentar apresentar essas condições.

A actual guerra deverá acabar primeiro; mas exige a franqueza e uma justa consideração pela opinião da humanidade dizer que, em tanto quanto se refere á nossa participação nas futuras garantias da paz, ha uma grande diferença na fórmula e em que termos ela acabe (1). Os tratados e acordos que lhe ponham termo deverão conter condições que criem uma paz que valha a pena garantir e conservar, uma paz que mereça a aprovação da humanidade, não apenas uma paz que sirva os varios interesses e objectivos immediatos das nações comprometidas.

(1) E' a opinião já expressa por Mr. Balfour no seu telegramma, de 16 janeiro, ao Presidente.

Não teremos voz na determinação de quais serão essas condições, mas teremos, estou certo, voz na determinação se elas serão tornadas duradoiras ou não pelas garantias duma convenção universal; e a nossa opinião sobre o que é fundamental e essencial como condição anterior á permanencia, deve ser convenciona-da agora e não depois, quando talvez seja já de-masiado tarde.

Nenhum acôrdo de paz cooperativa que não inclu-a os povos do Novo Mundo será sufficiente para preservar da guerra o futuro; e, mesmo assim, ha ape-nas um genero de paz que uniria os povos da America para a garantirem. Os elementos desta paz deverão ser elementos que disfrutem da confiança do governo americano e satisfaçam aos seus principios, elementos estes em acôrdo com o ideal politico e as convicções praticas que os povos da America, duma vez para sempre, abraçaram e se propuzeram defender (1).

Não quero dizer que qualquer governo americano opuzesse obstaculos á fórma de quaisquer condições de paz com que os governos agora em guerra pudessem concordar, ou procurasse transtorná-los quando efectua-dos, fossem elles quais fossem. Considero aceite que tais condições de paz entre os belligerantes nem aos proprios belligerantes satisfariam. Mesmo que o seu acôrdo assegurasse a paz, seria absolutamente neces-sario criar uma força como fiadora da durabilidade do acôrdo, tanto mais poderosa que a força de qualquer das nações belligerantes ou qualquer aliança até hoje formada ou projectada, de fórma que nação alguma, nem qualquer provavel combinação de nações, pudesse

(1) Esta condição não figura entre o que na nota de 18 dezembro se chama «combinações» impeditivas de futuras guerras. Repare-se bem na ex-pressão «elementos d'esta paz», que torna mais restrictiva a entrada do Novo Mundo na tal Liga das nações.

resistir ou fazer-lhe face. Se a paz agora a fazer-se é para ter duração, deverá ser uma paz assegurada pela organização da força maior do genero humano (1).

As condições da paz imediata acordada, determinarão se é uma paz para a qual possa existir semelhante garantia.

O ponto de que depende toda a futura paz e politica do mundo, é este: E' a presente guerra uma luta para uma paz justa e segura, ou apenas para um novo equilibrio de forças? Se apenas é uma luta para um novo equilibrio de forças, quem garantirá, quem poderá garantir o equilibrio estavel do novo acôrdo? Sómente uma Europa tranquila poderá ser uma Europa estavel. Não deverá haver equilibrio de força, mas uma comunhão no poder; não rivalidades organizadas mas uma paz organizada por todos.

Felizmente, temos recebido muito explicitas afirmações sobre este ponto. Os estadistas de ambos os grupos das nações agora em luta umas com as outras, disseram, em termos que não poderão ser mal interpretados, que não fazia parte do proposito que tinham em mente o esmagar os seus antagonistas. Porém, o que se deduz destas asserções poderá não ser igualmente claro para todos, poderá não ser o mesmo em ambos os lados do Oceano.

Penso que será prestar um bom serviço se eu tentar expôr a forma por que as interpretamos.

Significa, primeiro que tudo, que terá de ser uma paz sem vitória. Mas seja-me permitido apresentar a minha propria interpretação, afirmando que nenhuma outra me influencia. Estou simplesmente procurando encarar realidades e encara-las sem reticencias atenuantes.

(1) Ignoramos se pelas expressões «genero humano», «humanidade», de que usa e abusa o snr. Wilson, se designa tambem as raças e povos asiaticos e africanos, afóra os da Oceania, com existência independente.

A vitória significaria paz forçada para o vencido, as condições do vencedor impostas ao vencido. Seria aceita com humilhação, com dureza e com intolerável sacrifício para o vencido, e deixaria uma ferida, um ressentimento, uma acerba memória em que as condições de paz assentariam, não solidamente, mas como se estivessem os seus alicerces sobre areia. Sómente uma paz entre iguais pôde durar; sómente uma paz cujo verdadeiro principio é a igualdade e a comum participação num benefício comum. O verdadeiro estado de espirito, o verdadeiro sentimento entre nações é tão necessário para uma paz duradoura como é a justa solução de litigiosas questões de territorio ou de raças (1).

A igualdade de todas as nações sobre a qual deve ser instituída a paz se fôr para durar, deverá ser uma igualdade de direitos; as garantias trocadas não devem, nem reconhecer nem significar a diferença entre nações grandes e pequenas, entre as que são poderosas e as que são fracas. O direito deve ser baseado sobre a força comum e não sobre a força individual das nações de cujo concerto a paz dependerá.

Igualdade de recursos ou de territorio decerto não poderá haver, nem outra qualquer especie de igualdade que não tenha sido adquirida no pacífico e legitimo desenvolvimento dos próprios povos. Mas ninguém pede nem conta senão com a igualdade de direito. A humanidade procura a liberdade de vida e não o equilibrio de forças (2).

Do que se trata é mais importante que a mera

(1) Esta é a segunda condição, ou «combinação» impeditiva de guerras futuras, que s'excluiu da nota de 18 dezembro. No pensamento do Presidente, é uma condição primordial. Foi talvez para a tornar possível que não apoiou o convite dos impérios Centraes, de 12 dezembro, e levou o seu paz a juntar-se á Entente para se obter em commum a «victoria decisiva».

(2) Igualdade de direitos: terceira condição, ou «combinação». Entre nações europeias, admittem-na os Centraes, e nós tambem. (V. *Consulta e Resposta*, Appêndice).

igualdade de direitos entre nações organizadas. Nenhuma paz pôde durar ou deverá durar, que não reconheça e aceite o principio de que os governos recebem toda a sua verdadeira força do consentimento dos governados, e que a ninguem assiste o direito de passar de potentado para potentado povos como se fosse mercadoria. Admito, por exemplo, se me é permitido aventurar-me a um exemplo, que em toda a parte os estadistas estão de acôrdo em que deveria existir uma Polonia unica, independente e autonoma, e que d'ora ávante, a segurança inviolavel de vida, de religião e de desenvolvimento industrial e social deveria ser garantida a todos os povos que teem vivido até aqui sob governos que professam um fito e uns ideais antagonicos com os seus.

Trato d'isto não em razão de qualquer desejo de enaltecer um principio politico abstracto que tem sido sempre muito querido áqueles que teem tentado levantar a liberdade na America, mas sim pela mesma razão por que falei das outras condições de paz que se me afiguram nitidamente indispensaveis; emfim, porque desejo francamente discutir e patentear realidades. Toda a paz que não assente neste principio será inevitavelmente perturbada. Não descançará nos affectos nem nas convicções da humanidade. O fermento do espirito de populações inteiras insurgir-se-á subtil e constantemente contra ela. E nisso terão a simpatia de todo o mundo. Só haverá paz no mundo se a sua vida fôr estável; e a estabilidade não existe quando as vontades estão revoltas, onde não haja tranquilidade de espirito nem uma noção de justiça, de liberdade e do direito (1).

(1) Quarta condição, ou «combinação»: consentimento dos povos no seu governo. Como está formulado, pode voltar-se contra o próprio Presidente. Não sabemos porque se não exemplificou igualmente com a Irlanda, o Egypto, em geral o norte da Africa, e—porque o não recordar tambem? o archipelago das Phillipinas. Não são povos que tenham direito a consentir nos seus governos? ou, como se diz na fórmula russa: a «dispôr de si-mesmos»? Seria a in nunca acabar, senhor Wilson.

Todos os grandes povos agora em luta por uma plena expansão dos seus recursos e das suas forças deveriam, ainda, tanto quanto possível, ter garantida uma saída directa sobre as grandes arterias do mar. Nos casos em que tal se não possa conseguir, mediante a cessão de territorio, certamente que o poderá ser pela neutralização dos seus direitos sob a mesma garantia que assegurará a propria paz. Com um competente «comité» que presida a este acordo nenhuma nação será privada do livre acesso ás grandes vias de comunicação do commercio mundial. E a via maritima deve, tanto por lei como de facto, ser livre.

A liberdade dos mares é o «sine qua non» da paz, da igualdade e da cooperação.

Sem duvida poderá tornar-se necessaria uma revisão, um tanto ou quanto radical, de muitas das normas internacionaes até aqui estabelecidas, a fim de que o mar se torne efectivamente livre e comum em quais todas as circunstancias, para uso da humanidade; mas o motivo de tais reformas é convincente e imperioso. Sem ellas não poderá haver confiança ou intimidade de relações entre os povos do mundo. O convívio livre, desassombrado entre as nações é a parte essencial da fórma da paz e do desenvolvimento. Será facil definir ou assegurar a liberdade dos mares se os governos do mundo desejarem sinceramente chegar a um acôrdo a esse respeito (1).

E' elle um problema que se relaciona intimamente

(1) Quinta condição, ou «combinação»: liberdade dos mares. A questão é definida, e faz-se aceitar, sobretudo pelos amigos. Supponho que a saída directa sobre as grandes arterias do mar, de que se falla acima, é simples corollário, no pensamento do sr. Wilson, do principio geral seguidamente enunciado. Ignoramos porque menciona apenas os «grandes povos», justamente os que na Europa têm garantida essa comunicação com algum, ou alguns dos mares. Quererá referir-se aos oceanos, excluindo os mares interiores; ou teria em mente, por ex., a Bôlivia?

com a limitação dos armamentos navaes e com a cooperação entre as nações do mundo para a manutenção dos mares, ao mesmo tempo livre e segura. A questão da limitação de armamentos navaes abre ainda a questão, mais lata e talvez de mais difficil solução, na limitação dos exercitos e de todos os programas de preparação militar. Por dificeis e delicadas que estas questões sejam, teem de ser encaradas com a maior sinceridade e decididas num espirito de verdadeira harmonia para que a paz possa trazer nas suas azas o balsamo que cicatriza, e ser de duração.

Sem concessões e sacrificio não se pôde alcançar a paz. Não poderá haver a sensação de segurança e igualdade entre as nações, desde que a grande preponderancia de armamentos continue de ora ávante a manter-se aqui e acolá. Os estadistas do mundo deverão planear a paz e por ela deverão as nações subordinar a sua politica, assim como planearam a guerra e se prepararam para as lutas e rivalidades.

A questão dos armamentos, quer em terra quer no mar, é a mais imediata e intensamente pratica das que se relacionam com o destino futuro das nações e da humanidade (1).

Tenho tratado deste importante assunto sem reserva e com a maxima clareza porque se me afigura ser necessario para que o ardente aneio do mundo pela paz encontre palavra e expressão livre.

Sou eu, talvez, a unica pessoa altamente colocada entre todos os povos do mundo que pode falar com plena liberdade e sem reservas. Eu falo como um individuo

(1) Sexta condição, ou «combinação»: redução dos armamentos, terrestres e navaes. Princípio implicado na doutrina pacifista. Mas os amigos estão de accôrdo, snr. Wilson, a começar pela Inglaterra? Superfluo quasi fazer notar que tanto esta como as duas condições, ou «combinações» anteriores não figuram entre as que s'especifica expressamente na circular diplomática de 18 de dezembro.

e, também é claro, como o chefe responsável dum grande governo e estou convencido que eu disse o que o povo dos Estados Unidos desejaria que eu dissesse. Ser-me á permitido acrescentar que creio e espero estar falando pelos liberais e aos amigos da humanidade em todas as nações, e de todas as formulas de liberdade? Ser-me-ia agradável pensar que eu falo em nome da massa silenciosa da humanidade em toda a parte, que ainda não tivera logar ou ocasião de manifestar o que lhe vai no coração com respeito à morte e à ruína que ela vê ter já atingido as pessoas e os lares que lhe são mais queridos.

E manifestando a esperança de que o povo e o governo dos Estados Unidos se associarão ás outras nações civilizadas do mundo em garantir a permanencia da paz nas condições que eu mencionei, eu falo com tanto mais desassombro e confiança quanto é evidente para todo o homem que pensa que não se encontra nesta promessa qualquer quebra, quer das nossas tradições quer da nossa política como nação, mas sim em cumprimento de tudo quanto professamos ou por que temos lutado.

Proponho, por assim dizer, que as nações acordassem todas em adoptar a doutrina do Presidente Monroe como doutrina universal que nação alguma possa procurar impôr a sua política a qualquer outra nação ou povo, mas que o povo tenha plena liberdade para orientar toda a sua política, a sua fórmula de desenvolvimento, livremente, sem ameaças, sem receios, os pequenos a par dos povos grandes e poderosos (1).

Estou propondo que todas as nações d'ora ávante evitem alianças comprometedoras que as arrastariam a

(1) Quanto á doutrina de Monroe, esperamos que o Velho Mundo, finda a guerra, formule também a sua, concretizando-a d'este modo: «A Europa exclusivamente para Europeus».

rivalidades de poder que as ilaqueiem n'uma rede de intrigas e de rivalidades egoistas perturbando a sua vida com influencias estranhas, e que sejam escrupulosas em não contrair alianças comprometedoras em qualquer concerto das potencias. Quando todos teem o mesmo fim e o mesmo objectivo, todos agem n'um interesse comum e teem o direito de viver a sua vida sob protecção comum.

Estou propondo, com consentimento dos governados, aquella liberdade dos mares que em conferencias sobre conferencias internacionais, os representantes do povo dos Estados Unidos teem defendido com a eloquencia dos que são os convictos amantes da liberdade; a moderação dos armamentos que fazem do exercito e da marinha uma força unicamente destinada a manter a ordem e não um instrumento de aggressão e de egoistica violencia.

Estes são os principios americanos e a politica americana. Por nenhuns outros mais poderiamos pugnar. E, contudo, são tambem os principios e a politica de homens e mulheres que em toda a parte sabem olhar para a frente, os principios de todas as nações modernas e de toda a colectividade ilustrada. São, em uma palavra, os principios da humanidade e hão de forçosamente prevalecer.

(Obs.—O exame d'este *evangelho yankee* far-se-ha á medida que as circumstâncias o imponham).

(*Diario de Noticias*: 24, janeiro, 1917).

Summário

Foram desfavoráveis, a nota de Wilson, as nossas primeiras impressões: 1.º por não se fallar n'ella directamente aos Gabinetes destinatarios; 2.º pelo seu desalinho, nas ideias e na forma, pg. 3 a 13.

A sua recepção pela imprensa e pelos círculos políticos da *Entente* e do Bloco, pg. 13 a 20; reserva ou mutismo dos respectivos Gabinetes, e sua explicação provavel, pg. 20 a 30.

Inopportunidade do momento em que foi apresentada, pg. 30 a 39.

O seu contheudo, resumido e apreciado objectivamente: contradicções, incoherências, obscuridades, pg. 39 a 56.

A sua interpretação subjectiva, justificada, pg. 56 a 66.

A verdadeira chave do escripto, na nossa opinião, pg. 66 e seguintes.

Appendice:

A nota dos Estados Unidos.	Pg. 79
Resposta da <i>Entente</i>	» 84
Mensagem de Wilson ao Congresso	» 89

EMENDAS

Pg.	Lin.	
39	24	em conta
41	15	dia 12
»	25	profundo
42	10	e que d'ahi
»	12	indefinido da paz ou o investimento forçado

O leitor facilmente corrigirá os erros de menor importância.

Livraria Civilização-Editora

75, Rua das Oliveiras, 77 - PORTO

BAZILIO TELLES

OPUSCULOS JÁ PUBLICADOS

PRIMEIRO: I — Ditadura; II — Regimen Revolucionario. 1 vol. (esgotado).	
SEGUNDO: III — A Constituição; IV — Finanças. 1 vol.	\$10
TERCEIRO: V — A Questão religiosa. 1 vol.	\$15
A Guerra.	\$20
A situação militar Europeia	\$20
O nó dos Balkans	\$20
A França e a guerra de 70.	\$20
A Inglaterra pacifista	\$20
Hora crítica (2. ^a edição acrescentada com notas)	\$20
Convite e Resposta	\$25
Para a Historia da Crise Europeia	\$80
Acquaviva	\$25

A PUBLICAR:

O Imperialismo Germânico
Campanha e questão do Oriente
A beligerancia Portuguesa
A Conferencia da paz